

Tradução:

Rodrigo Garcia Lopes

Cristina Macedo

SYLVIA PLATH ARIEL

EDIÇÃO RESTAURADA E RELEIÇÃO
COM OS MANUSCRITOS ORIGINAIS



VERUE
EDITORA

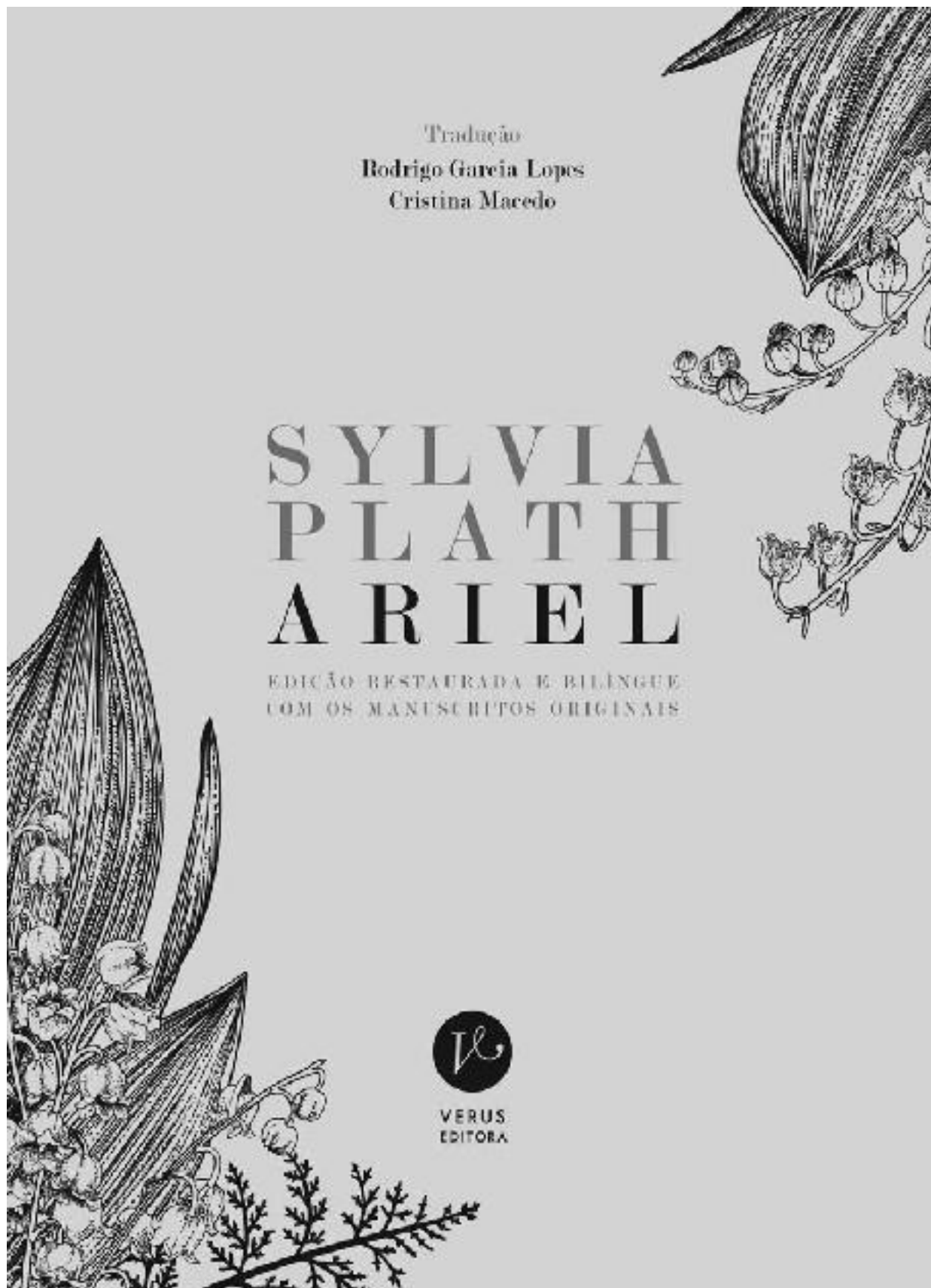
Tradução
Rodrigo Garcia Lopes
Cristina Macedo

SYLVIA PLATH ARIEL

EDIÇÃO RESTAURADA E BILÍNGUE
COM OS MANUSCRITOS ORIGINAIS



VERUS
EDITORIA



Editora

Raïssa Castro

Coordenadora Editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Carlos Eduardo Sigrist

Revisão

Ana Paula Gomes

Raïssa Castro

Capa

Leonardo Iaccarino

Projeto Gráfico

André S. Tavares da Silva

Título original

Ariel: The Restored Edition

ISBN: 978-85-7686-694-7

Copyright © the Estate of Sylvia Plath, 2004

Material inédito © the Estate of Sylvia Plath, 2004

Prefácio © Frieda Hughes, 2004

Tradução © Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo, 2015

Edição brasileira © Verus Editora, 2007

Primeira edição (*Ariel*) publicada em 1965 por Faber and Faber Limited

Edição atual (*Ariel: The Restored Edition*) publicada em 2004 por Faber and Faber Limited

Os fac-símiles presentes nesta edição são reproduções dos manuscritos originais de Sylvia Plath Collection, Mortimer Rare Book Room, Smith College.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II,
Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

P777a

Plath, Sylvia, 1932-1963.

Ariel [recurso eletrônico] / Sylvia Plath; tradução Rodrigo Garcia Lopes, Cristina Macedo.
– 1a ed. – Campinas, SP: Verus Editora, 2018.
recurso digital

Título original: Ariel: the restored edition

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue: português/inglês.

ISBN 978-85-7686-694-7 (recurso eletrônico)

1. Poesia norte-americana 2. Livros eletrônicos. I. Lopes, Rodrigo Gardia. II. Macedo, Cristina. III. Título.

18-50751

CDD-811.3
CDU: 82-1(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

SUMÁRIO

[Apresentação – O caso Ariel \(Rodrigo Garcia Lopes\)](#)

[Prefácio \(Frieda Hughes\)](#)

[Canção da manhã](#)

[Os mensageiros](#)

[O caçador de coelhos](#)

Talidomida

O candidato

Mulher estéril

Lady Lazarus

Tulipas

Um segredo

O carcereiro

Corte

Olmo

Danças noturnas

A detetive

Ariel

Morte & Cia.

Reis magos

Lesbos

A outra

Morte súbita

Papoulas de outubro

[A coragem de calar](#)

[Nick e o castiçal](#)

[Praia de Berck](#)

[Gulliver](#)

[Chegando lá](#)

[Medusa](#)

[Purdah](#)

[A lua e o teixo](#)

[Um presente de aniversário](#)

[Carta de novembro](#)

[Amnésico](#)

[Rival](#)

[Papai](#)

[Você é](#)

[40 graus de febre](#)

[A reunião das abelhas](#)

[A chegada da caixa de abelhas](#)

[Ferroadas](#)

[Hibernando](#)

[Rascunhos do poema “Ariel”](#)

[O exame](#)

[Notas](#)

[Sobre os tradutores](#)

APRESENTAÇÃO

O CASO *ARIEL*

Como explicar a Bob que minha felicidade depende de arrancar um pedaço da minha vida, um fragmento de aflição e beleza, e transformá-lo em palavras datilografadas numa página? Como ele poderia entender que justifico minha vida, minhas emoções ardentes, meu sentimento, ao passá-la para o papel?

Sylvia Plath, em seu diário

Sylvia Plath (nascida em Boston, Massachusetts, em 1932) se suicidou em Londres em 11 de fevereiro de 1963, logo após a publicação de seu romance *A redoma de vidro*. Tinha apenas 30 anos. A safra de poemas de altíssima qualidade e dicção inconfundível que Plath nos legou nos últimos doze meses de vida (25 apenas em outubro de 1962) resultaria num clássico da poesia contemporânea: *Ariel* (1965). Posteriormente, o agrupamento canônico da poeta americana entre os chamados “poetas confessionais” (Anne Sexton, John Berryman e Robert Lowell), além de sua eleição como ícone feminista e vítima da sociedade patriarcal da época, acabaria desviando o foco mais para sua personalidade conflituosa e sua vida trágica do que para seus poemas extraordinários.¹ Explicações biográficas, psicanalíticas e feministas passaram a ser a norma, tentando dar conta do “problema” de Plath. Impulsionado por seu suicídio e pelo prefácio bombástico de Lowell – então o mais importante poeta americano –, *Ariel* vendeu quinze mil cópias em um ano. Editado pelo marido de Plath, o poeta inglês Ted Hughes, o livro revelava a intensidade e a beleza de seu gênio poético, interrompido no auge de sua carreira. Trazia poemas urgentes e de bela potência imaginativa.

No entanto, o que os leitores não sabiam é que o *Ariel* publicado em 1965 era sensivelmente diferente do volume originalmente idealizado pela autora. Sylvia Plath, sempre detalhista com a organização de seus livros, havia deixado, no apartamento em Londres em que veio a falecer, o manuscrito de *Ariel* pronto para publicação e caprichosamente organizado. O volume continha quarenta poemas (o poema “O enxame” aparece na lista, mas não integra o manuscrito). Como conta o próprio marido na introdução de *Collected Poems* (1981), “Por volta do Natal de 1962, ela reuniu a maior parte do que ficou conhecido

como os poemas de *Ariel* numa pasta negra e os arranhou numa cuidadosa sequência” (grifo nosso).

Ironicamente, Ted Hughes, no *Ariel* publicado dois anos após a morte da poeta, eliminou do arranjo original treze poemas que considerou “pessoalmente agressivos” e incluiu outros treze, a maioria escrita em 1963, semanas antes do suicídio (e que Plath não incluiu em *Ariel* por acreditar que se tratava de poemas para um terceiro volume). Embora Hughes tenha dito à filha, Frieda, que “simplesmente queria fazer do livro o melhor que pudesse”, entre esses novos poemas incluídos uma parte foi escrita após o fechamento do *Ariel* original, o que Frieda supõe que tenha acontecido em novembro de 1962, cerca de três meses antes da morte da poeta (o último poema incluído por Sylvia Plath no manuscrito foi “Morte & Cia.”).

Argumentando que defendia a memória da mãe de seus filhos e de pessoas vivas, além da própria reputação, Ted Hughes eliminou e adicionou poemas a seu bel-prazer, além de mudar a sequência, mutilando o *Ariel* original. Poemas ferozes, típicos da voz terna e violenta que emerge do livro, e que tematizam o drama familiar vivido por Plath e sobretudo a traição de Hughes² (cuja presença aparece até subliminarmente, no uso de verbos como “hug” [apertar, abraçar] ou de adjetivos como “huge” [imenso, vasto]), além de poemas que expressam otimismo e fé na superação da crise, por exemplo, foram sumariamente arrancados da coleção original. Embora o marido tenha acrescentado os poemas resignados escritos nas últimas semanas – coisa que contraditoriamente não fez com os diários de Plath que datam do mesmo período, que ele alegou ter destruído! –, ao alterar significativamente o conjunto e a sequência idealizados pela esposa ele acabou, sutilmente, criando outra narrativa: a escolha e a ordem dos poemas tendem a enfatizar que o suicídio de Plath teria sido

inevitável, provocado mais pela tendência suicida da poeta que pela dor da traição do marido, pela separação e mudança para Londres e pela necessidade de um novo começo.

Porém, como fica claro na edição original, em 1962 Sylvia Plath estava trabalhando com temas que iam muito além da traição e da morte: em sua coleção há poemas que acertam contas com o passado, e outros em que eventos históricos trágicos (como o Holocausto e a bomba de Hiroshima) e experiências comuns (como um corte no dedo ou a criação de abelhas, uma especialidade do pai, Otto Plath, cuja morte de diabetes, em decorrência de complicações após a amputação de uma perna, quando Sylvia tinha 8 anos, ela nunca superou) são transformados numa mitologia pessoal única. Se o *Ariel* de Hughes termina com o profético e trágico “Palavras”, de tom resignado em sua aceitação da morte, Plath, segundo revelou em entrevista concedida à BBC em 1962, imaginava seu *Ariel* como um sintoma de seu renascimento, de superação de uma crise: começava com a palavra “amor” (em “Canção da manhã”) e terminava, no poema “Hibernando”, com a palavra “primavera”, numa nota bem mais otimista que na versão do marido.

Como a filha escreve no prefácio desta obra, o livro “foi claramente ajustado para abranger o período entre quase o término do casamento e a decisão sobre uma vida nova, com todas as agonias e fúrias no meio do caminho”. Além disso, Hughes eliminou poemas que considerou “mais fracos”, ponto de vista do qual discordamos. Ficaram de fora poemas turbulentos e pouco conhecidos: “Lesbos”, “O caçador de coelhos”, “Talidomida”, “Mulher estéril”, “Um segredo”, “O carcereiro”, “A detetive”, “A outra”, “Reis magos”, “Morte súbita”, “A coragem de calar”, “Purdah” e “Amnésico”.

No ensaio “The Two Ariels: The (Re)Making of the Sylvia Plath Canon”,³ a crítica Marjorie Perloff, sempre atenta, aponta para a existência de outro *Ariel* que poucos leitores conheceram: “Ninguém duvidava que *Ariel* fosse de fato *Ariel*; ninguém, quer dizer, levantou a hipótese de que o livro de Plath, como foi publicado pela Faber and Faber em Londres e pela Harper and Row em Nova York, não refletisse os desejos expressos pela própria poeta” (p. 176).

E, em outro momento:

Em qualquer coleção de poemas a sequência é importante, mas certamente *Ariel* nos apresenta um caso problemático. Por décadas estivemos lendo o livro no qual, como Charles Newman coloca, “expressão e extinção são inseparáveis”, um texto que culmina na quase resignação pacífica de “Anos” ou “Limite”. Os poemas de *Ariel* culminam num senso de finalidade, toda paixão gasta. Já *Ariel 1* estabelece perímetros bem diferentes. O arranjo de Plath enfatiza não a morte, mas luta e vingança, o ultraje que se segue ao reconhecimento de que o bem-amado também é o traidor (p. 196).

Comparando as duas versões, a crítica conclui que a eliminação, feita pelo marido de Plath, de poemas que traziam um tom de vingança artística, de busca por uma nova identidade e de reconstrução do *self*, como “Purdah”, “O carcereiro”, “A outra”, “Talidomida”, entre outros, e a retirada daqueles mais “pessoalmente agressivos” e que acertavam contas com a traição do

marido significaram claramente uma censura, por mais que Hughes alegue ter feito o melhor que podia. Perloff afirma: “As palavras de uma mulher morta, para parafrasear W. H. Auden, foram modificadas nas entranhas dos vivos” (p. 197).

Somente em dezembro de 2004, passados 41 anos da morte de Sylvia Plath, e por iniciativa de sua filha, a poeta Frieda Hughes, o público pôde enfim conhecer a edição original deixada pela autora – *Ariel: edição restaurada*, lançada simultaneamente pela editora americana Harper Collins e pela inglesa Faber and Faber. Mais importante, o volume traz o fac-símile do manuscrito original, conforme organizado e datilografado pela própria Plath.

O título refere-se tanto ao Espírito do Ar, da peça *A tempestade*, de Shakespeare, quanto ao cavalo que Sylvia Plath costumava cavalgar em Devon. Em hebraico, Ariel significa “leão de Deus”. Nestes poemas, o leitor depara-se com uma escritora de forte eloquência poética e pegada inimitável, em que o domínio da linguagem atinge perfeita simbiose entre técnica e emoção.

A presente edição coloca os originais datilografados lado a lado com a transcrição para o português.⁴ Assim, o leitor tem acesso ao processo braçal de composição e da prova datilografada por Sylvia Plath e ao resultado final de sua oficina com o “metal intratável” da poesia, como ela a chamou num de seus poemas, reconstituindo sua obra-prima no ponto exato em que a deixou. O que se pretende aqui é que o leitor releia *Ariel* como *ela*, e não Ted Hughes, gostaria que fosse lido.

Nunca é demais repetir: Sylvia Plath foi uma artista da palavra em período integral, mais que meramente a poeta “suicidada pela sociedade”. Estes versos ficaram como prova definitiva de sua genialidade poética – de uma escritora exímia, que foi capaz de criar, como poucos, música com a linguagem.

Rodrigo Garcia Lopes
Pântano do Sul, Florianópolis, inverno de 2007

Notas

¹A própria poeta demonstrava ter plena consciência disso, referindo-se aos poemas escritos em 1962 como “os melhores poemas da minha vida; eles vão fazer meu nome”.

²Ted Hughes estava tendo um caso com a bela Assia Wevill (1927-1969), nascida em Berlim, filha de pai judeu russo e de mãe luterana. Tragicamente, ela também se matou como Plath, inalando gás de cozinha, junto com Shura, a filha que teve com Hughes.

³Em *Poetic License: Essays on Modernist and Postmodernist Lyric*. Evanston: Northwestern University Press, 1990.

⁴A edição portuguesa de *Ariel*, traduzida por Maria Fernanda Borges (Lisboa: Relógio D'Água, 1996), segue a edição de Ted Hughes (Londres: Faber and Faber, 1965).

PREFÁCIO

Esta edição de *Ariel* segue exatamente a ordem do último manuscrito composto por minha mãe, Sylvia Plath, como ela o deixou. Como sua filha, só posso examinar esta edição – e também sua divergência com a primeira publicação de *Ariel* no Reino Unido, em 1965, e com a subsequente publicação nos Estados Unidos, em 1966, ambas editadas por meu pai, Ted Hughes – sob a perspectiva puramente pessoal de sua história dentro de minha família.

Quando cometeu suicídio, em 11 de fevereiro de 1963, minha mãe deixou uma pasta preta sobre sua escrivaninha, contendo um manuscrito com quarenta poemas. Ela provavelmente tenha trabalhado pela última vez na ordenação do manuscrito na metade de novembro de 1962. “Morte & Cia.”, escrito no dia 14 daquele mês, foi o último poema a ser incluído em sua lista. Ela escreveu mais dezenove poemas antes de morrer, seis dos quais terminou antes de nossa mudança de Devon para Londres, em 12 de dezembro, e os outros treze nas últimas oito semanas de vida. Esses poemas foram deixados sobre sua escrivaninha com o manuscrito.

A primeira página do manuscrito, sobriamente datilografada, dá como título da coleção *Ariel e outros poemas*. Nas duas folhas que se seguem, títulos alternativos foram tentados, então sucessivamente riscados e uma substituição escrita à mão acima deles. Em uma folha, o título foi alterado de *Rival* para *Um presente de aniversário* e então para *Papai*. Em outra, o título mudou de *Rival* para *O caçador de coelhos*, a seguir para *Um presente de aniversário* e finalmente para *Papai*. Esses novos títulos estão em ordem cronológica (julho de 1961, maio de 1962, setembro de 1962 e outubro de 1962) e dão a ideia de possíveis datas anteriores de reorganização do manuscrito.

Quando *Ariel* foi publicado pela primeira vez, editado por meu pai, era uma coletânea um tanto diferente do manuscrito deixado por minha mãe. Meu pai não seguiu a ordem do sumário dela, tirando doze poemas da publicação americana e treze da publicação inglesa. Ele os substituiu por dez poemas selecionados para a edição inglesa e doze para a edição americana, os quais escolheu entre os dezenove últimos poemas, escritos depois da metade de novembro de 1962, além de três anteriores.

Havia muitas opções. Desde a publicação de *The Colossus*, em 1960, minha mãe havia escrito muitos poemas que mostravam avanço em relação a seus trabalhos anteriores. Eram poemas de

transição entre os estilos muito diferentes de *The Colossus* e *Ariel* (uma seleção deles foi publicada em *Crossing the Water* em 1971). Mas, no final de 1961, poemas com a voz de *Ariel* começaram a aparecer entre aqueles de transição. Possuíam uma urgência, uma liberdade e uma força muito novas no trabalho dela. Em outubro de 1961 surgiram “A lua e o teixo” e “Pequena fuga”; seguiu-se “Uma aparição”, em abril de 1962. A partir daí, todos os poemas que ela escreveu tinham a voz distinta de *Ariel*. São poemas de paisagem sobrenatural, ameaçadora:

Esta é a luz da mente, fria e planetária.
As árvores da mente são negras. A luz, azul.
Gramados descarregam suas mágoas em meus pés como se eu fosse
Deus,
[...]
Simplesmente não posso ver onde vão dar.

(“A lua e o teixo”)

Então, ainda no início de abril de 1962, ela escreveu “Entre os narcisos” e “Faisão”, momentos de perfeito equilíbrio poético, tranquilidade e melancolia – a calmaria antes da tempestade:

Você disse que o mataria essa manhã.
Não o mate. Ele ainda me assusta.
A saliência da cabeça estranha, escura, andando a passo

Através da grama não aparada na colina do olmo.

(“Faisão”)

Depois disso, os poemas vieram com frequência, facilidade e ferocidade crescentes, culminando com 25 textos de extrema importância, em outubro de 1962. Os últimos foram escritos seis dias antes de sua morte. Ao todo, ela deixou cerca de setenta poemas com a voz única de *Ariel*.

Em viagens de trabalho a Londres, em junho de 1962, meu pai iniciou um caso com uma mulher que havia despertado o ciúme de minha mãe um mês antes. Ao tomar conhecimento do caso, minha mãe ficou furiosa. Em julho, a mãe dela, Aurelia, veio a Court Green, nossa casa em Devon, para uma longa visita. A tensão aumentou entre meus pais, e minha mãe propôs a separação, embora tenham viajado juntos a Galway naquele setembro para procurar uma casa onde ela pudesse passar o inverno. No início de outubro, com o encorajamento de Aurelia (cujos esforços testemunhei como criança), minha mãe expulsou meu pai de casa.

Meu pai foi para Londres, onde primeiro ficou com amigos e, perto do Natal, alugou um apartamento no Soho. Muitos anos mais tarde ele me contou que, apesar da aparente determinação dela,

achava que minha mãe pudesse reconsiderar. “Estávamos trabalhando para isso quando ela morreu”, ele disse.

Não querendo a casa em Galway, minha mãe se mudou para Londres comigo e com meu irmão em dezembro de 1962, para o apartamento que havia sido de Yeats, na Fitzroy Road. Até a morte dela, meu pai nos visitou lá quase que diariamente, cuidando de nós sempre que ela necessitava de tempo para si mesma.

Embora minha mãe estivesse em Londres havia oito semanas quando morreu, meu pai deixara para ela a casa em Devon, a conta bancária conjunta, o Morris Traveller preto (o carro deles), e lhe dava dinheiro para nos sustentar. Quando ela morreu, ele não tinha como pagar o funeral, e meu avô, William Hughes, cuidou de tudo.

Meu pai retornou a Devon comigo e com meu irmão em setembro de 1963, quando sua irmã, Olwyn, veio de Paris para ajudar a cuidar de nós. Ela ficou dois anos conosco. Meu pai continuou a ver “a outra mulher” em visitas a Londres, mas ela permaneceu com o marido por dois anos e meio depois da morte de minha mãe.

Durante todo o tempo em que viveram juntos, minha mãe mostrava seus poemas a meu pai enquanto os escrevia. Mas, depois de maio de 1962, quando suas sérias divergências começaram, ela os guardava para si. Meu pai leu “Evento” no *Observer*, naquele inverno, e ficou chocado ao ver seus assuntos particulares se tornarem tema de um poema.

Minha mãe havia delineado o manuscrito de *Ariel* começando com a palavra “amor” e terminando com a palavra “primavera”, e ele foi claramente ajustado para abranger o período entre quase o término do casamento e a decisão sobre uma vida nova, com todas as agonias e fúrias no meio do caminho. O fim do casamento definiu todas as outras dores de minha mãe e as direcionou. Trouxe um tema à poesia. Mas a voz de *Ariel* já estava lá, nos poemas do final de 1961 e início de 1962. Era como se estivesse esperando,

praticando, e houvesse encontrado um assunto que pudesse realmente compreender. O manuscrito estava desenterrando tudo de que era preciso se livrar para que pudesse prosseguir. “Praia de Berck”, por exemplo, escrito em junho de 1962, é sobre o funeral de um vizinho, Percy Key, mas também vem entrelaçado com a perda dolorosa de meu avô, Otto, quando minha mãe era criança. Meus pais haviam se tornado apicultores naquele verão, como Otto, que foi especialista em abelhas e cuja presença perpassa os cinco poemas sobre abelhas, na versão americana de *Ariel* (quatro na edição do Reino Unido).

Em dezembro de 1962, minha mãe foi convidada pela rádio BBC para ler alguns de seus poemas, e para isso escreveu suas próprias introduções. Seus comentários foram secos e breves, e ela não fez referência a si mesma como personagem dos poemas. Ela podia até se expor, mas não precisava ser tão clara. Gosto particularmente de dois desses comentários: “Neste próximo poema, o cavalo da pessoa que fala está descendo, devagar e frio, uma colina com trilha de macadame, indo para o estábulo ao sopé. É dezembro. Está nublado. Na neblina há ovelhas”. (“Ovelhas na névoa”, embora seja um dos poemas que ela incluiu na transmissão com os poemas de *Ariel*, não estava relacionado na página do sumário no manuscrito – foi concluído em janeiro de 1963. Meu pai o incluiu na primeira versão publicada de *Ariel*.) Sobre o poema- -título, minha mãe escreveu simplesmente: “Outro poema sobre equitação, este chamado ‘Ariel’, em homenagem a um cavalo de que gosto especialmente”.

Essas introduções me fizeram sorrir; são os comentários mais modestos possíveis sobre poemas de imagens veementes e feitos com incrível habilidade. Quando as li, imaginei minha mãe relutante em enfraquecer com explicações a energia concentrada que havia derramado em seus versos, a fim de preservar a destreza deles em chocar e surpreender.

Ao considerar *Ariel* para publicação, meu pai enfrentou um dilema. Estava bem ciente da ferocidade extrema com a qual alguns dos poemas de minha mãe desmembravam pessoas próximas a ela – o marido, a mãe, o pai, o tio de meu pai, Walter, e até mesmo vizinhos e conhecidos. Ele quis dar ao livro uma perspectiva mais abrangente, a fim de torná-lo aceitável para os leitores, em vez de afastá-los. Achava que alguns dos dezenove últimos poemas, escritos depois de o manuscrito estar completo, deveriam estar representados. “Eu simplesmente quis fazer dele o melhor livro que pude”, ele me contou. Sabia que muitos poemas novos de minha mãe haviam sido rejeitados por revistas, por causa de sua natureza extrema, embora os editores os tenham publicado rapidamente quando ela morreu.

Meu pai deixou de fora alguns dos poemas mais dilacerantes. “Lesbos”, por exemplo, embora tenha sido publicado na versão americana de *Ariel*, foi suprimido da edição inglesa, uma vez que o casal tão perversamente retratado nele morava na Cornualha e teria se sentido muito ofendido com a publicação. “Morte súbita”, que se refere a Walter, tio de meu pai, foi excluído. Alguns poemas que ele poderia ter deixado de fora haviam sido publicados em revistas e já eram bem conhecidos. Outras composições omitidas – “Reis magos” e “Mulher estéril”, por exemplo, ambos poemas de transição – ele simplesmente considerou mais fracas que suas substitutas. Um dos cinco poemas sobre abelhas, “O enxame”, foi originalmente incluído no sumário de minha mãe, mas entre parênteses, e não foi inserido em seu manuscrito de quarenta poemas. Meu pai recolocou-o na edição americana.

Os poemas do manuscrito original excluídos por meu pai foram: “O caçador de coelhos”, “Talidomida”, “Mulher estéril”, “Um segredo”, “O carcereiro”, “A detetive”, “Reis magos”, “A outra”, “Morte súbita”, “A coragem de calar”, “Purdah”,

“Amnésico”. (Embora incluído na versão americana de 1966, “Lesbos” foi suprimido na edição inglesa de 1965.)

Os poemas que ele inseriu no manuscrito editado para publicação foram: “O enxame” e “Canção de Maria” (apenas na edição americana), “Ovelhas na névoa”, “O enforcado”, “Pequena fuga”, “Anos”, “As manequins de Munique”, “Totem”, “Paralítico”, “Balões”, “Papoulas em julho”, “Bondade”, “Contusão”, “Limite” e “Palavras”.

Em 1981, meu pai publicou os *Collected Poems* de minha mãe e incluiu nas notas o sumário do manuscrito original de *Ariel*. Essa inclusão trouxe a público os arranjos que meu pai fez, e ele foi muito criticado por não ter publicado *Ariel* como minha mãe o deixara, ainda que os poemas omitidos tenham sido inseridos em *Collected Poems* para todos verem.

Meu pai tinha profundo respeito pela obra de minha mãe, apesar de ter sido um dos alvos da fúria dela. A obra era tudo para ele, que via o cuidado com ela como uma forma de homenagem e uma responsabilidade.

Mas o nível de angústia atingido por minha mãe quando se matou foi assumido por estranhos, possuído e reformulado por eles. A coleção de poemas de *Ariel* tornou-se, para mim, símbolo dessa posse de minha mãe e da mais vasta calúnia sobre meu pai. Era como se o barro da energia poética dela tivesse sido absorvido, e versões de minha mãe fossem feitas disso, inventadas para refletir apenas os inventores, como se pudessem possuir minha mãe real, verdadeira, agora uma mulher que havia deixado de se parecer consigo mesma na mente daquelas pessoas. Vi poemas como “Lady Lazarus” e “Papai” serem dissecados ininterruptamente, e o momento em que minha mãe os escreveu ser aplicado a toda a sua vida, a toda a sua pessoa, como se fosse a soma total de sua experiência.

A crítica a meu pai foi feita até mesmo em relação à posse dos direitos autorais de minha mãe, que couberam a ele na morte dela e que ele usou para beneficiar diretamente a mim e a meu irmão. Por meio do legado de sua poesia, minha mãe ainda tomava conta de nós, e eu achava estranho que alguém desejasse que fosse diferente.

Depois do suicídio de minha mãe e da publicação de *Ariel*, muitas coisas cruéis foram escritas sobre meu pai, coisas que não guardam nenhuma semelhança com o homem que calma e carinhosamente (embora às vezes fosse um pouco rígido e cometesse enganos) me criou – mais tarde com a ajuda de minha madrasta. O tempo todo ele manteve viva a memória da mãe que me deixara, e eu sentia como se ela estivesse tomando conta de mim, uma presença constante em minha vida.

Pareceu-me que a edição de *Ariel* feita por meu pai foi vista como uma “interferência” na santidade do suicídio de minha mãe, como se, feito uma divindade, tudo que fosse associado a ela devesse ser reverenciado e preservado como algo milagroso. Para mim, como sua filha, tudo associado a ela *era* milagroso, mas porque meu pai fez parecer assim, até mesmo tocando para mim um disco em que minha mãe lia sua poesia, para que eu pudesse ouvir novamente sua voz. Isso foi muitos anos antes de eu descobrir que minha mãe tinha um temperamento feroz e um caráter ciumento, em contraste com a natureza mais equilibrada e otimista de meu pai. Também soube que em duas ocasiões ela destruiu o trabalho dele, uma vez rasgando-o e outra queimando-o. Fiquei consternada pelo fato de que minha imagem perfeita dela, ligada às minhas últimas memórias, fosse tão distante da verdade. Mas minha mãe, assim como era uma poeta excepcional, era também um ser humano, e para mim foi um consolo restabelecer a verdade – eu a compreendi melhor. As explosões eram a exceção, não a regra. A vida em casa era geralmente calma, e a relação de meus pais era diligente e amigável. Entretanto, como filha, eu

precisava saber a verdade sobre a natureza de minha mãe – como também sobre a de meu pai –, uma vez que precisava compreender a mim mesma.

Se eu tinha alguma dúvida de que o suicídio de minha mãe, mais do que sua vida, era a razão real de sua elevação a ícone feminista, como aconteceu, ou de que a notoriedade de *Ariel* advinha de ter sido o manuscrito deixado sobre sua escrivaninha *quando ela morreu*, em vez de ser simplesmente um manuscrito extraordinário, minhas dúvidas foram dissipadas quando, em 2000, uma placa azul foi concedida a ela, para ser colocada em sua casa em Londres. Placas azuis são feitas pela instituição English Heritage para celebrar a contribuição do trabalho de uma pessoa à vida de outras – e para homenageá-la no local onde viveu. Inicialmente foi proposto que a placa fosse colocada na propriedade da Fitzroy Road, onde minha mãe se suicidou, e perguntaram-me se eu a inauguraria quando ela fosse instalada. A English Heritage havia sido levada a crer que minha mãe tinha feito todo o seu melhor trabalho naquele endereço, quando de fato ela estivera lá por apenas oito semanas, escrevera treze poemas, cuidara de duas crianças doentes, ela mesma adoecera, mobiliara e decorara o apartamento e se matara.

Então, em vez disso, a placa foi colocada na parede do endereço Chalcot Square, nº 3, onde minha mãe e meu pai tiveram sua primeira casa em Londres e viveram durante 21 meses, onde minha mãe escreveu *A redoma de vidro*, publicou *The Colossus* e me deu à luz. Esse foi um lugar em que ela realmente viveu e foi feliz e produtiva – com meu pai. Mas houve um escândalo em relação a isso na imprensa nacional – fui até abordada na rua, no dia da inauguração da placa, por um homem que insistia que ela estava no lugar errado. “A placa deveria estar em Fitzroy Road!”, ele gritava, e os jornais faziam eco a ele. Perguntei o porquê a um dos jornalistas. “Porque”, ele respondeu, “foi onde sua mãe

escreveu o melhor trabalho dela.” Expliquei que ela só havia morado lá durante oito semanas. “Bem, então”, ele disse, “foi onde ela foi mãe solteira.” Disse a ele que desconhecia o fato de que a English Heritage oferecia placas azuis a mães solteiras. Finalmente confessou: “É porque foi lá que ela morreu”. “Já temos um túmulo”, respondi. “Não precisamos de outro.”

Eu não queria que a morte de minha mãe fosse comemorada como se fosse um prêmio. Eu queria que sua *vida* fosse celebrada, o fato de ela ter existido, vivido até o limite de suas possibilidades, ter sido feliz e triste, atormentada e extasiada, e ter dado à luz a mim e a meu irmão. Acho que minha mãe foi extraordinária em seu trabalho e corajosa em sua luta contra a depressão que a perseguiu por toda a vida. Ela usou cada experiência emocional como se fosse um retalho que pudesse ser reunido para fazer um vestido maravilhoso; não desperdiçou nada do que sentia e, quando no controle desses sentimentos tumultuados, conseguia focar sua energia poética e dirigi-la para obter um grande efeito. E aí estava *Ariel*, sua realização extraordinária, equilibrada, como ela, entre um estado emocional volátil e a beira do precipício. A arte era não despencar.

Representando a visão e a experiência de minha mãe num momento particular de sua vida, durante grande confusão emocional, os poemas de *Ariel* – esse aproveitamento de sua própria força interior – falam por si.

Os poemas de minha mãe não podem ser enfiados na boca de atores, em qualquer reinvenção cinematográfica de sua história, na expectativa de que possam dar vida a ela novamente. Tampouco a ficcionalização literária da vida dela atinge outro propósito que não o de parodiar a vida que ela realmente viveu. Desde que morreu, ela tem sido dissecada, analisada, reinterpretada, reinventada, ficcionalizada e, em alguns casos, completamente fabricada. Resumindo: suas próprias palavras descrevem melhor minha mãe e

seus estados de espírito em constante mutação, definindo o modo como ela via o mundo e a maneira como fixou seus temas com um olhar impiedoso.

Cada um dos poemas é colocado em perspectiva quando pensamos que a vida e as observações sobre as quais foram escritos teriam, com o tempo, mudado, evoluído e continuado, como minha mãe teria feito. Eles se fundamentam sobre todos os outros escritos da vida dela e demonstram da melhor maneira as muitas e complexas camadas de seu interior.

Quando ela morreu, deixando *Ariel* como último livro, foi flagrada no ato de vingança, com uma voz que havia sido afiada e praticada durante anos, posteriormente com a ajuda de meu pai. Embora tenha se tornado vítima disso, no final das contas ele não negou sua maestria.

Essa nova edição, restaurada, é minha mãe naquele momento. É a base do *Ariel* editado por meu pai. Cada versão tem significado próprio, embora as duas histórias sejam uma só.

Frieda Hughes

ARIEL

and other poems

by

Sylvia Plath

DADDY
~~AND OTHER POEMS~~
~~GENERAL~~

and other poems

by

Sylvia Plath

DADDY
~~A GIBBERISH PRESENT~~

~~THE GIBBERISH PRESENT~~

and other poems

by

Sylvia Plath

ARIEL and other poems

Sylvia Plath

for

Frieda and Nicholas

ARIEL and Other Poems

Sylvia Plath

MORNING SONG: New Yorker; New York Herald Tribune; Anthology

THE COURIERS: London Mag

THE RABBIT CATCHER: Oboe; BBC

THALIDOMIDE:

THE APPLICANT: London Mag

BARREN WOMAN: London Mag

LADY LAZARUS:

TOLERS: New Yorker; Mermaid Festival 1961; PEX 1961

A SECRET:

THE JAILOR:

QUT: London Mag

ELM: New Yorker

THE NIGHT DANCES:

THE DETECTIVE:

ARIEL: St. Louis

DEATH: CA:

MAGI: New Statesman

LEBBOG:

THE OTHER:

STOPPED DEAD: London Mag

POPPERS IN OCTOBER: Oboe; PEX

THE COURAGE OF QUIETNESS:

WICK AND THE CANDLESSTICK:

BERKE-PLACE: BBC; London Mag

GULLIVER:

GETTING THERE:

MEDUSA:

FURDAR: Poetry

THE MOON AND THE YEW TREE: New Yorker; BBC; PEX 1963

A BIRTHDAY PRESENT:

LETTER IN NOVEMBER: London Mag

AMETHIAS: New Yorker

THE RIVAL: Oboe

DADDY:

YOU'RE: Harper's; London Mag; BBC

PSYCH 101: Poetry

THE BEE MEETING: London Mag

THE ARRIVAL OF THE MAIL BOX: Atlantic Monthly

SPINES: London Mag

(THE SWARM)

WHERRING: Atlantic Monthly

MORNING SONG
THE COURIERS
THE HAREM CATCHER
TRALIDORIDE
THE APPLICANT
BARREN WOMAN
LADY LAZARUS
TULLIPS
A SECRET
THE JAILOR
- OUT
ELM
THE NIGHT DANCER
THE DETECTIVE
- ANIEL
LAST DEATH & CO.
LASHES
- THE GUNNER
STOPPED DEAD
POPPIES IN NOVEMBER
THE COURAGE OF ~~XXXXXXXXXX~~ *Shutting Up*
NICK AND THE CARBONSTICK
BERRY-PLAGE
OULLIVER
GETTING THERE
MEDUSA
PURDUE
THE MOON AND THE YEW TREE
A BIRTHDAY MESSAGE
LETTER IN NOVEMBER
ANESTHIC
O-E RIVAL
DADDY
YOU'RE
EVER 103⁰
THE BEE MEETING
THE ARRIVAL OF THE BEE BOX
BEINGS
(THE SWARM)
WE'VE BEEN

Morning Song

Love set you going like a fat gold watch.
The midwife slapped your footsoles, and your bald cry
Took its place among the elements.

Our voices echo, magnifying your arrival. New statue
In a drafty museum, your nakedness
Shadows our safety. We stand round blankly at walls.

I'm no more your mother
Than the cloud that distils a mirror to reflect its own slow
Effacement at the wind's hand.

All night your moth-breath
Flickers among the flat pink roses. I wake to listen:
A far sea moves in my ear.

One cry, and I stumble from bed, cow-heavy and floral
In my Victorian nightgown.
Your mouth opens clean as a cat's. The window square

Whitens and swallows its dull stars. And now you try
Your handful of notes;
The clear vowels rise like balloons.

CANÇÃO DA MANHÃ

O amor faz você funcionar como redondo relógio de ouro.
A parteira bateu em seus pés, e seu grito nu
Tomou lugar entre os elementos.

Nossas vozes ecoam, exaltando sua chegada. Estátua nova
Num museu arejado, sua nudez
Assombra nossa segurança. Ficamos ao redor, brancos como paredes.

Sou sua mãe
Tanto quanto a nuvem que destila um espelho que reflete seu lento
Desaparecimento na mão do vento.

A noite toda seu hálito de mariposa
Flutua entre rosas lisas. Acordo e ouço:
Longe, um mar se move em meu ouvido.

Um grito, e cambaleio para fora da cama, vaca obesa e florida
Em minha camisola vitoriana.

Sua boca se abre, limpa como a de um gato. A janela

Embranquece e engole suas estrelas torpes. E agora você ensaia
Seu punhado de notas;
As vogais claras sobem como balões.

The Couriers

The word of a snail on the plate of a leaf?
It is not mine. Do not accept it.

Acetic acid in a sealed tin?
Do not accept it. It is not genuine.

A ring of gold with the sun in it?
Lies. Lies and a grief.

Frost on a leaf, the immaculate
Children, talking and crackling

All to itself on the top of each
Of nine black Alps,

A disturbance in mirrors,
The sea shattering into grey one---

Love, love, my reason.

OS MENSAGEIROS

Palavra de lesma em prato de folha?
Não é minha. Não a aceite.

Ácido acético em lata selada?
Não o aceite. Não é genuíno.

Anel de ouro e nele o sol?
Mentiras. Mentiras e uma dor.

Geada numa folha, o imaculado
Caldeirão, estalando e falando

Sozinho no topo de cada um
Dos nove Alpes negros,

Um distúrbio nos espelhos,
O mar estilhaçando seu cinza –

Amor, amor, minha estação.

The Rabbit Catcher

It was a place of force---
The wind gagging my mouth with my own blown hair,
Tearing off my voice, and the sea
Blinding me with its lights, the lives of the dead
Unreeling in it, spreading like oil.

I tasted the malignity of the gorse,
Its black spikes,
The extreme unction of its yellow candle-flowers.
They had an efficiency, a great beauty,
And were extravagant, like torture.

There was only one place to get to.
Simmering, perfumed,
The paths narrowed into the hollow.
And the snares almost effaced themselves---
Kerree, shutting on nothing,

Set close, like birth pangs.
The absence of shrieks
Made a hole in the hot day, a vacancy.
The glassy light was a clear wall,
The trackets quiet.

I felt a still busyness, an intent.
I felt hands round a tea mug, dull, blunt,
Ringing the white china.
How they amazed him, those little deaths!
They walked like sweethearts. They excited him.

And we, too, had a relationship---
Tight wires between us,
Fate too deep to uproot, and a mind like a ring
Sliding shut on some quick thing,
The constriction killing me also.

O CAÇADOR DE COELHOS

Era um lugar de força –
O vento amordaçando minha boca com meus cabelos revoltos,
Arrancando minha voz, e o mar
Me cegando com suas luzes, a vida dos mortos
Se desenrolando nele, se espalhando como óleo.

Provei a perversidade da urze,
Seus espinhos negros,
A extrema-unção de suas flores, velas amarelas.
Tinham eficiência, uma beleza imensa,
E eram extravagantes, feito a tortura.

Só havia um lugar para se chegar.
Fervendo, perfumadas,
As trilhas se estreitavam no vale.
E as armadilhas quase se apagavam –
Zeros, fechando-se no nada,

Bem perto, como contrações de parto.
A ausência de gritos
Abriu uma cratera no dia quente, um vazio.

A luz vítrea era uma parede clara,
Moitas quietas.

Senti um movimento calmo, uma intenção.
Senti mãos em volta de uma caneca de chá, torpes, gumes cegos,
Tocando a porcelana branca.
Como esperaram por ele, aquelas pequenas mortes!
Esperaram como namoradas. O excitaram.

E nós, também, tivemos uma relação –
Arares tesos entre nós,
Estacas profundas demais para se arrancar, e a mente como um anel
Deslizando fechado sobre algo fugaz,
A pressão me matando também.

Whispering

O half noon---

Half-brain, luminosity--
Negro, masked like a white,

Your dark
Anupulations crawl and appeal--

Epibery, unsafe.
That glove

Wast leatheriness
Has protected

Is from that meadow---
The indelible buds,

Knuckles at shoulder-blades, the
Faces that

Spews into being, dragging
The lopped

Blood-oral of absence.
All night I carpenter

A space for the thing I am given,
A love

Of two wet eyes and a scream.
White spit

Of indifference!
The dark frantic revolve and fall.

The glass cracks across,
The lunge

Risen and shorts like dropped mercury.

TALIDOMIDA

Oh, semilua –

Semicérebro, luminosidade –
Negro, mascarado de branco,

Suas escuras
Amputações rastejam e assustam –

Aranhiças, inseguras.
Que luva

Que espécie de couro
Me protegeu

Daquela sombra –

Os botões indeléveis,

Nós nas omoplatas, os
Rostos que

Empurram para ser, arrastando
O podado

Âmnio sangrento das ausências.
Toda noite eu teço

Um espaço para o que me é dado,
Um amor

De dois olhos úmidos e um grito.
Branca secreção

Da indiferença!
Os frutos escuros giram e caem.

O vidro se espatifa,
A imagem

Foge e aborta como gotas de mercúrio.

The Applicant

First, are you our sort of person?

Do you wear

A glass eye, false teeth or a crutch,

A brace or a hook,

Rubber breasts or a rubber crotch,

Stitches to show something's missing? No, no? Then

How can we give you a thing?

Stop crying.

Open your hand.

Empty? Empty. Here is a hand

To fill it and willing

To bring tea-cups and roll away headaches

And do whatever you tell it.

Will you marry it?

It is guaranteed

To thumb shut your eyes at the end

And dissolve of sorrow.

We make new stock from the salt.

I notice you are stark naked.

How about this suit---

Knack and stiff, but not a bad fit.

Will you marry it?

It is waterproof, shatterproof, proof

Against fire and bombs through the roof.

Believe me, they'll bury you in it.

Now your head, excuse me, is empty.

I have the ticket for that.

Come home, sweetie, out of the closet.

Well, what do you think of that?

Naked as paper to start

O CANDIDATO

Primeiro, você tem nosso perfil?

Você usa

Olho de vidro, dentes postiços ou muleta,

Atadura ou gancho,

Peitos ou sexo de borracha,

Suturas mostrando faltar alguma coisa? Não, não? Então

Como podemos lhe dar alguma coisa?

Pare de chorar.

Abra sua mão.

Vazia? Vazia. Tome essa mão

A fim de enchê-la e disposta

A servir xícaras de chá e espantar enxaquecas

E fazer o que você mandar.

Casa com isso?

Tem garantia

De que fechará seus olhinhos no final

E se dissolverá de aflição.

Fazemos novo estoque do sal.

Vejo que você está nu em pelo.
Que tal este terno –

Preto e formal, até que não cai mal.
Casa com isso?
É à prova d'água, de estilhaço, à prova
De fogo e bombas no telhado.
Acredite, vão enterrá-lo com isso.

Agora sua cabeça, desculpe, é bem vazia.
Tenho o remédio para isso.
Vem cá, benzinho, saia já do armário.
Bem, o que você acha *disso*?
Branca como papel por ser escrito

The Applicant (2)

But in twenty-five years she'll be silver,
in fifty, gold.
A living doll, everywhere you look.
It can sew, it can cook,
It can talk, talk, talk.

It works, there is nothing wrong with it.
You have a hole, it's a poultice.
You have an eye, it's an image.
My boy, it's your last resort.
Will you marry it, marry it, marry it.

Mas em vinte e cinco anos será prata,
Em cinquenta, ouro.
Uma boneca de carne, onde quer que você olhe.
Sabe costurar, sabe cozinhar,
Sabe falar, falar, falar.

Funciona direito, não tem nenhum defeito.
Você tem um buraco, é uma compressa.
Você tem um olho, é uma imagem.
Meu garoto, é sua última chance.
Casa com isso, casa, casa com isso.

Darren Worley

Empty, I echo to the least foolfall,
Museum without status, grand with pillars, porticoes, rotundas.
In my courtyard a fountain leaps and sinks back into itself,
Nun-hearted and blind to the world. Martlets lilies
Exhale their pallor like scent.

I imagine myself with a great public,
Mother of a white Nike and several bald-eyed Apollos.
Instead, the dead injure me with attentions, and nothing can happen.
The moon lays a hand on my forehead,
Blank-faced and nun as a nurse.

MULHER ESTÉRIL

Vazia, ecoo até o mínimo passo,
Museu sem estátuas, grandioso, com pilares, pórticos, rotundas.
Em meu pátio uma fonte salta e mergulha em si mesma,
Casta e cega para o mundo. Lírios de mármore
Exalam sua palidez feito perfume.

Me imagino com um grande público,
Mãe de uma branca Nike e vários Apolos de olhos nus.
Em vez disso, os mortos me ferem com atenções, nada pode acontecer.
A lua pousa a mão em minha testa,
Pálida e silenciosa como uma enfermeira.

Lady Lazarus

I have done it again?
One year in every ten
I manage it---

A sort of winking miracle, my skin
Bright as a Nazi lampshade,
My right foot

A paperweight,
My face a featureless, fine
Jew linen.

Peel off the napkin
O my enemy.
Do I terrify?---

The nose, the eye pits, the full set of teeth?
The sour breath
Will vanish in a day.

Soon, soon the flesh
The grave cave etc will be
At home on me

And I a smiling woman.
I am only thirty?
And like the cat I have nine times to die.

This is Number Three.
What a trash
To annihilate each decade?
To

LADY LAZARUS

Tentei outra vez.
Um ano em cada dez
Eu dou um jeito –

Um tipo de milagre ambulante, minha pele
Brilha feito abajur nazista,
Meu pé direito

Peso de papel,
Meu rosto inexpressivo, fino
Linho judeu.

Dispa o pano
Oh, meu inimigo.
Eu te aterrorizo? –

O nariz, as covas dos olhos, a dentadura toda?
O hálito amargo

Desaparece num dia.

Em muito breve a carne
Que a caverna carcomeu vai estar
Em casa, em mim.

E eu uma mulher sempre sorrindo.
Tenho apenas trinta anos.
E como o gato, nove vidas para morrer.

Esta é a Número Três.
Que besteira
Aniquilar-se a cada década.

Lady Lazarus (2)

What a million filaments of
The peanut-crunching crowd
Shoves in to see

Then unwrap me hand and foot--
The big strip tease of
Gentlemen, ladies

These are my hands
My knees.
I may be skin and bone,

Nevertheless, I am the same, identical women.
The first time it happened I was ten.
It was an accident.

The second time I meant
To last it out and not come back at all.
I locked shut

As a seashell.
They had to call and call
And pick the worms off me like sticky pearls.

Dying
Is an art, like everything else.
I do it exceptionally well.

I do it so it feels like hell.
I do it so it feels real.
I guess you could say I've a call.

It's easy enough to do it in a cell.
It's easy enough to do it and stay put.
It's theatrical

Um milhão de filamentos.
A multidão, comendo amendoim,
Se aglomera para ver

Desenfaixarem minhas mãos e pés –
O grande striptease.
Senhoras e senhores,

Eis minhas mãos
Meus joelhos.
Posso ser só pele e osso,

No entanto sou a mesma, idêntica mulher.
Tinha dez anos na primeira vez.
Foi acidente.

Na segunda quis
Ir até o fim e nunca mais voltar.
Oscilei, fechada

Como uma concha do mar.
Tiveram que chamar e chamar
E tirar os vermes de mim como pérolas grudentas.

Morrer
É uma arte, como tudo o mais.
Nisso sou excepcional.

Desse jeito faço parecer infernal.
Desse jeito faço parecer real.
Vão dizer que tenho vocação.

É muito fácil fazer isso numa cela.
É muito fácil fazer isso e ficar nela.
É o teatral

Lady Lazarus (3)

Comeback in broad day
To the same place, the same face, the same brute
Amused about:

'A miracle!'
That knocks me out.
There is a charge

For the eying of my scars, there is a charge
For the hearing of my heart---
It really goes!

And there is a charge, a very large charge
For a word or a touch
Or a bit of blood

Or a piece of my hair or my clothes?
So, so, Herr Doktor?
So, Herr Enemy.

I am your opus,
I am your valuable,
The pure gold baby

That melts to a shriek.
I turn and burn.
Do not think I underestimate your great concern!

Ash, ash!--
You poke and stir.
Flesh, bone, there is nothing there!--

A cake of soap,
A wedding ring,
A gold filling.

Regresso em plena luz do sol
Ao mesmo local, ao mesmo rosto, ao mesmo grito
Aflito e brutal:

“Milagre!”
Que me deixa mal.
Há um preço

Para olhar minhas cicatrizes, há um preço
Para ouvir meu coração –
Ele bate, afinal.

E há um preço, um preço muito alto
Para cada palavra ou cada toque
Ou mancha de sangue

Ou um pedaço de meu cabelo ou de minhas roupas.
E aí, Herr Doktor.
E aí, Herr Inimigo.

Sou sua obra-prima,
Sou seu tesouro,
O bebê de ouro puro

Que se funde num grito.
Me viro e carbonizo.
Não pense que subestimo sua grande preocupação.

Cinza, cinza –
Você fuça e atixa.
Carne, osso, não há mais nada ali –

Barra de sabão,
Anel de casamento,
Obturação de ouro.

Lady Lazarus (4)

Herr God, Herr Lucifer
Beware
Beware.

Out of the ash
I rise with my red hair
and I eat men like air.

Herr Deus, Herr Lúçifer
Cuidado.
Cuidado.

Saída das cinzas
Me levanto com meu cabelo ruivo
E devoro homens como ar.

Tulips

The tulips are too excitable, it is winter here.
Look how white everything is, how quiet, how snowed-in.
I am learning peacefulness, lying by myself quietly
As the light lies on these white walls, this bed, these hands.
I am nobody; I have nothing to do with explosions.
I have given my name and my day-clothes up to the nurses
And my anxiety to the anesthetist and my body to surgeons.

They have gripped my head between the pillow and the chest-cuff
Like an eye between two white lids that will not shut.
Stupid pupil, it has to take everything in.
The nurses pass and pass, they are no trouble,
They pass the way gulls pass inland in their white cups,
Doing things with their hands, one just the same as another,
So it is impossible to tell how many there are.

My body is a pebble to them, they tend it as water
Tends to the pebbles it must run over, smoothing them gently.
They bring me numbness in their bright needles, they bring me sleep.
Now I have lost myself I am sick of baggage---
My patent leather overnight case like a black pillbox,
My husband and child smiling out of the family photos;
Their smiles catch onto my skin, little smiling hooks.

I have let things slip, a thirty-year-old cargo boat
Stubbornly hanging on to my name and address.
They have swathed me clear of my loving associations.
Scared and bare on the green plastic-polluted trolley
I watched my trunks, my bureau of linen, my books
Sink out of sight, and the water went over my head.
I am a nun now, I have never been so pure.

(next page)

TULIPAS

Tulipas são excitáveis demais, é inverno aqui.
Vê como tudo está branco, tão silencioso, coberto de neve.
Aprendo a paz, deitada sozinha em silêncio
Enquanto a luz se espalha nestas paredes brancas, nesta cama, nestas mãos.
Não sou ninguém; não tenho nada a ver com as explosões.
Dei meu nome e minhas roupas às enfermeiras
Minha história ao anestesista e meu corpo aos cirurgiões.

Apoiaram minha cabeça entre o travesseiro e a dobra do lençol
Como um olho entre duas pálpebras brancas que ficassem abertas.
Pupila tola, tudo ela tem que engolir.
As enfermeiras não se cansam de passar, não me incomodam,
Passam como gaivotas no interior, com seus chapéus brancos,
Fazendo coisas com as mãos, uma igual à outra,
Por isso é impossível dizer quantas são.

Fazem de meu corpo um seixo, que elas cuidam como a água
Cuida dos seixos por onde corre, alisando-os com carinho.
Trazem-me o torpor em suas agulhas brilhantes, trazem-me o sono.
Perdida de mim, estou cansada da bagagem toda –
Meu estojo de couro noturno, caixa preta de comprimidos,
Meu marido e minha filha sorriem na foto de família;
Seus sorrisos fisgam minha pele, pequenos anzóis sorridentes.

Deixei coisas escaparem, navio de carga com trinta anos
Teimosamente se prendendo a meu nome e endereço.
Eles me lavaram de minhas associações amorosas.
Assustada e nua sobre a cama de rodas com travesseiros de plástico verde,
Assisti meu aparelho de chá, minhas roupas de linho, meus livros
Submergirem e sumirem, e a água cobrir minha cabeça.
Sou freira agora, nunca fui tão pura.

Tulips (2)

I didn't want any flowers, I only wanted
To lie with my hands turned up and be utterly empty.
How free it is, you have no idea how free---
The peacefulness is so big it dazes you,
and it asks nothing, a name tag, a few trinkets.
It is what the dead close on, finally; I imagine them
Shutting their mouths on it, like a Communion tablet.

The tulips are too red in the first place, they hurt me.
Even through the gift paper I could hear them breathe
Lightly, through their white swaddlings, like an awful baby.
Their redness talks to my wound, it corresponds.
They are subtler: they seem to float, though they weigh me down,
Upsetting me with their sudden tongues and their color,
A dozen red lead sinkers round my neck.

Nobody watched me before, now I am watched.
The tulips turn to me, and the window behind me
Where once a day the light slowly widens and slowly tains,
And I see myself, flat, ridiculous, a cut-paper shadow
Between the eye of the sun and the eyes of the tulips,
and I have no face, I have wanted to efface myself.
The vivid tulips eat my oxygen.

Before they came the air was calm enough,
Coming and going, breath by breath, without any fuss.
Then the tulips filled it up like a loud noise.
Now the air snags and eddies round them the way a river
Snags and eddies round a sunken rust-red engine.
They concentrate my attention, that was happy
Playing and resting without committing itself.

The walls, also, seem to be warning themselves.
The tulips should be bearing bars like dangerous animals;
They are opening like the mouth of some great African cat,
And I am aware of my heart: it opens and closes
Its howl of red blooms cut of sheer love of me.
The water I taste is warm and salt, like the sea,
And comes from a country far away as health.

Não queria flores, só me deitar
De mãos para cima e completamente vazia.
Quanta liberdade, você não faz ideia –
A paz é tão imensa que entorpece,
E não pergunta nada, um crachá, coisinhas de nada.
É do que se aproximam os mortos, enfim; e os imagino
Fechando sua boca sobre ela, como hóstia de comunhão.

Tulipas são vermelhas demais, me machucam.
Mesmo através do celofane as ouço respirando
De leve, através de suas faixas brancas, como um bebê terrível.
Sua vermelhidão conversa com minha ferida, elas combinam.
São tão sutis: parecem flutuar, embora sinta seu peso,
Me aborrecendo com suas súbitas cores e línguas,
Uma dúzia de chumbadas vermelhas presas no pescoço.

Antes ninguém me observava, agora sou observada.
As tulipas se viram para mim, e para a janela às minhas costas
Onde, uma vez por dia, a luz lentamente se dilata e lentamente se dilui,
E me vejo, estendida, ridícula, uma silhueta de papel
Entre o olho do sol e os olhos das tulipas,
E não tenho face, eu que tanto quis me apagar.
As tulipas vívidas devoram meu oxigênio.

Antes de chegarem havia sossego no ar,
Indo e vindo, a cada alento, sem alvoroço.
Mas as tulipas o ocuparam por inteiro, como um alarme.
Agora o ar se enrosca e redemoinha ao seu redor como o rio
Ao redor de um motor enferrujado e submerso.
Elas concentram minha atenção, foi divertido
Brincar e descansar sem compromisso.

As paredes também parecem se aquecer.
Tulipas deviam estar atrás das grades, como feras perigosas;
Elas se abrem como a boca de um grande felino africano,
E estou consciente de meu coração: ele se abre e se fecha,
Seu bojo vermelho viceja de total amor por mim.
A água que provo é morna e salgada, como a do mar,
E vem de um país distante como a saúde.

A Secret

A secret! A secret!

How superior!

You are blue and huge, a traffic policeman,
Holding up one palm---

A difference between us?

I have one eye, you have two.
The secret is stamped on you,
Faint, undulant watermark.

Will it show in the black detector?

Will it come out

Wavery, indelible, true

Through the African giraffe in its Eden greenery,

The Moroccan hippopotamus?

They stare from a square, stiff frill.

They are for export,

One a fool, the other a fool.

A secret! An extra amber

Brandy finger

Bobbing and cooing 'You, you'

Behind two eyes in which nothing is reflected but monkeys.

A knife that can be taken out

To pare nails,

To lower the dirt.

'It won't hurt!'

An illegitimate baby—

That big blue head!

How it breathes in the bureau drawer!

'Is that lingerie, pet?

UM SEGREDO

Um segredo! Um segredo!
Que superior.
Você é azul e grande, um guarda de trânsito,
Erguendo a palma da mão –

A diferença entre nós?
Eu tenho um olho, você tem dois.
O segredo estampado em sua cara,
Desbotada, ondulante marca-d'água.

Vai aparecer no detector negro?
Virá
Vacilante, indelével, verdadeiro
Através da girafa africana em suas folhagens edênicas,

O hipopótamo marroquino?
Olham de um tufo duro e quadrado.
São tipo exportação,
Um é tolo, o outro também.

Um segredo! Um dedo extra
De amarelo conhaque
Pousando e arrulhando “Tu, tu”
Atrás de olhos que nada mais fazem que refletir macacos.

Uma faca que pode ser usada
Para aparar unhas,
Levantar a sujeira.
“Não vai doer nada.”

Bebê ilegítimo –
Aquele cabeça imensa e azul!
Como respira na gaveta da cômoda.
“É lingerie, querida?”

A Secret (2)

Hit smells of salt cod, you had better
Stab a few cloves in an apple,
Make a sachet or
Do away with the bastard.

Do away with it altogether.'
'No, no, it is happy there.'
'But it wants to get out!
Look, look! It is wanting to crawl.'

My god, there goes the stopper!
The cars in the Place de la Concorde—
Watch out!
A stampede, a stampede!—

Horns twirling, and jungle gutturals
In exploded bottle of stout,
Black foam in the lap.
You stumble out,

Dwarf baby,
The knife in your back.
'I feel weak.'
The secret is out.

“Cheira a bacalhau salgado, melhor seria
Espetar cravos-da-índia numa maçã,
Fazer um sachê ou
Se livrar do bastardo.

Se livrar dele de uma vez.”
“Não, não, ele é feliz ali.”
“Mas ele quer sair!
Veja, veja! Está querendo rastejar.”

Meu Deus, lá se vai a tampa!
Os carros na Place de la Concorde –
Cuidado!
Um estampido, um estampido –

Buzinas soando, e guturais emaranhadas.
Uma garrafa de cerveja estoura,
Espuma espirra no colo.
Você cambaleia,

Bebê pigmeu,
A faca nas costas.
“Sinto-me fraco.”
O segredo acabou.

The Jailer

My night sweats grease his breakfast plate.
The same placard of blue fog is wheeled into position
With the same trees and headstones.
Is that all he can come up with,
The rattler of keys?

I have been drugged and raped.
Seven hours knocked out of my right mind
Into a black sack
Where I relax, foetus or cat,
Lever of his wet dreams.

Something is gone.
My sleeping capsule, my red and blue zeppelin
Drops me from a terrible altitude.
Carapace smashed,
I spread to the beaks of birds.

O little gimlets---
What holes this papery day is already full of!
He has been burning me with cigarettes,
Pretending I am a negro with pink paws.
I am myself. That is not enough.

The fever trickles and stiffens in my hair.
My ribs show. What have I eaten?
Lies and smiles.
Surely the sky is not that color,
Surely the grass should be rippling.

All day, gliding my church of burnt matchsticks,
I dream of someone else entirely.

O CARCEREIRO

Meus suores noturnos lubrificam seu café da manhã.
O mesmo aviso de neblina azul posicionado
Com as mesmas árvores e lápides.
Isso é tudo de que ele é capaz,
Com seu guizo de chaves?

Fui drogada e estuprada.
Sete horas nocauteada e fora de mim
Dentro de um saco preto
Onde relaxo, feto ou gato,
Alavanca de seus sonhos molhados.

Alguma coisa sumiu.
Minha cápsula de dormir, meu zepelim azul e vermelho
Me solta de uma altitude terrível.
Carapaça esmagada,
Me estico até o bico dos pássaros.

Oh, pequenas brocas –
Quantos furos já possui esse dia de papel!
Ele me queima com pontas de cigarros,

Fingindo que sou uma negra com patas cor-de-rosa.
Sou eu mesma. Mas não basta.

A febre goteja e endurece meu cabelo.
Minhas costelas aparecem. O que tenho comido?
Mentiras e sorrisos.
Claro que o céu não é daquela cor,
Claro que a relva deve estar ondulando.

O dia todo, colando minha igreja de fósforos queimados,
Sonho só com outro alguém.

The Jailor (2)

And he, for this subversion
Hurted me, he
With his memory of fakery,

His high, cold masks of amnesia.
How did I get here?
Indeterminate criminal,
I die with variety---
Hung, starved, burned, hooded.

I imagine him
Impotent as distant thunder,
In whose shadow I have eaten my ghost ration.
I wish him dead or away.
That, it seems, is the impossibility.

That being free. What would the dark
Do without fevers to cure?
What would the light
Do without eyes to knife, what would he
Do, do, do without me.

E ele, por esta subversão
Me fere, ele
Com seu arsenal de simulações,

As máscaras altas e frias de sua amnésia.
Como cheguei aqui?
Criminosa indefinida,
Morro com variedade infinita –
Enforcada, faminta, queimada, pendurada.

Eu o imagino
Impotente como um trovão distante,
Em cuja sombra provei minha razão fantasma.
Quem dera ele fosse embora ou morresse.
O que é, parece, uma impossibilidade.

Ser livre. O que fariam as trevas
Sem febres para devorar?
O que faria a luz
Sem olhos para apunhalar, o que ele
Faria, faria, faria sem mim.

Out

For Susan O'Neill Roe

What a thrill!—
My thumb instead of an onion
The top quite gone
Except for a sort of a hinge

Of skin,
A flap like a hat,
Dead white.
Then that red plush!

Little pilgrim,
The Indian's axed your scalp.
Your turkey wattle
Carpet rolls

Straight from the heart.
I step on it,
Clutching my bottle
Of pink fizz.

A celebration, this left
Out of a gap
A million soldiers run,
Hats, every one!

Whose side are they on?
O my
Homunculus, I am ill!
I have taken a pill to kill

The thin
Papery feeling.
Saboteur!
Kamikaze man---

CORTE

Para Susan O'Neill Roe

Que arrepio –
Em lugar da cebola, meu polegar.
A ponta quase se foi
Não fosse por um fio

De pele,
Aba de chapéu,
Branca e morta.
E aquela pelúcia vermelha.

Pequeno peregrino,
Os índios arrancaram seu escalpo.
Sua esteira, papo de peru,
Se estende

Direto do seu coração.
Eu piso nela,
Segurando minha garrafa
De espumante rosé.

Uma celebração, deve ser.
Por uma fissura
Um milhão de soldados escorrem,
Jaquetas vermelhas, um por um.

De que lado estão?
Oh, meu
Homúnculo, estou doente.
Tomei uma pílula que aniquila

Aquela fina
Sensação de papel.
Sabotadora,
Kamikaze –

cut (2)

The stain on your
Gause Ku Klux Klan
Sabushka
Darkens and tarnishes and when

The belled
Pulp of your heart
Confronts its small
Mill of silence

How you jump---
Trepanned veteran,
Dirty girl,
Thumb stuff

A mancha em sua
Gaze Ku Klux Klan
Babushka
Escurece e suja e quando

A polpa
Redonda do seu coração
Enfrenta seu pequeno
Moinho de silêncio

Como você pula –
Veterano trepanado,
Garota suja,
Toco de polegar.

Ela.

(for Bath Twilight)

I know the bottom, she says. I know it with my great tap root:
It is what you fear.

I do not fear it: I have been there.

Is it the sea you hear in me,
Its dissatisfactions?
Or the voice of nothing, that was your madness?

Love is a shadow.
How you lie and cry after it!
Listen: these are its hooves: it has gone off, like a horse.

All night I shall gallop thus, impetuously,
Till your head is a stone, your pillow a little turf,
Echoing, echoing.

Or shall I bring you the sound of poisons?
This is rain now, this big hush.
And this is the fruit of it: tin-white, like arsenic.

I have suffered the atrocity of sunsets.
Scorched to the root
My red filaments burn and stand, a band of wires.

Now I break up in pieces that fly about like clubs.
A wind of such violence
Will tolerate no bystandings: I must shriek.

The moon, also, is merciless: she would drag me
Graspingly, being barren.
Her radiance coaxes me. Or perhaps I have caught her.

(next page)

OLMO

Para Ruth Fainlight

Conheço o fundo, ela diz. Conheço com minha própria raiz:
Você temia isso.
Eu não: já estive lá.

É o mar que você ouve em mim,
As suas insatisfações?
Ou a voz do nada, era essa sua loucura?

O amor é uma sombra.
Como você mente e chora por ele.
Ouça: esses são seus cascos: se foram, como um cavalo.

Vou galopar a noite inteira, impetuosamente,
Até que sua cabeça vire pedra, seu travesseiro vire turfe,
Ecoando, ecoando.

Ou devo lhe trazer o som das poções?
Isso é chuva agora, esse silêncio imenso.
E este é seu fruto: branco-metálico, como arsênico.

Sofri a atrocidade dos poentes.
Queimada até a raiz
Meus filamentos ardem e resistem, emaranhado de arames.

Agora me quebro em pedaços que voam como clavas.
Um vento assim violento
Não tolera testemunhas: preciso gritar.

A lua, também, não tem pena de mim: me arrastaria
Cruelmente, sendo estéril.
Seu esplendor me fere. Ou talvez eu a tenha pego.

Jim (?)

I let her go. I let her go
Diminished and flat, as after radical surgery.
How your bad dreams possess and endow me!

I am inhabited by a cry.
Nightly it flaps out
Looking, with its hooks, for something to love.

I am terrified by this dark thing
That sleeps in me;
All day I feel its soft, feathery turnings, its malignity.

Clouds pass and disperse.
Are those the faces of love, those pale irretrievables?
Is it for such I agitate my heart?

I am incapable of more knowledge.
What is this, this face
So murderous in its strangle of branches?---

Its anky acids hiss.
It petrifies the will. These are the icolite, slow faults
That kill, that kill, that kill.

Eu a deixo fugir. Eu a deixo fugir
Minguada e chata, como se depois de uma cirurgia radical.
Como seus pesadelos me possuem e me adornam.

Sou habitada por um grito.
Toda noite ele voa
À procura, com suas garras, de algo para amar.

Tenho medo desta coisa escura
Que dorme em mim;
O dia todo sinto seu roçar suave e macio, sua maldade.

Nuvens passam e se dispersam.
São essas as faces do amor, pálidas, irrecuperáveis?
É por isto que agito meu coração?

Sou incapaz de mais conhecimento.
O que é isto, esta face
Assassina em seus galhos sufocantes? –

Seus venenosos ácidos sibilam.
Petrifica o desejo. Estes são os erros, isolados e lentos
Que matam, matam, matam.

The Night Dances

A smile fell in the grass.
Irretrievable:

And how will your night dances
Love themselves. In mathematics?

Such pure leaps and spirals---
Surely they travel

The world forever, I shall not entirely
Sit emptied of beauties, the gift

Of your small breath, the drenched grass
Smell of your sleeps, lilies, lilies.

Their flesh bears no relation.
Cold folds of ego, the callin,

And the tiger, embellishing itself---
Spots, and a sprund of hot petals.

The comets
Have such a space to cross~~ing~~

Such coldness, forgetfulness.
So your gestures flape off---

Warm and human, then their pink light
Bleeding; and peeling

Through the black amnesia of heaven.
Way am I given

DANÇAS NOTURNAS

Um sorriso caiu na relva.
Irrecuperável!

E como vão se perder
Suas danças noturnas? Na matemática?

Estas espirais e saltos puros –
Viajam pelo mundo

Para sempre, e não me sentirei
De todo esvaziada de belezas, o presente

De sua suave respiração, a grama úmida,
O aroma de seus sonhos, lírios, lírios.

Sem relação com sua carne.
Dobras frias do ego, o copo-de-leite,

E o tigre, se enfeitando todo –
Pintas, e um espalhar de pétalas quentes.

Os cometas
Têm tanto espaço para percorrer,

Tanta frieza, esquecimento.
Teus gestos se lascam –

Mornos e humanos, sua luz rósea
Sangrando e descascando

Pelas negras amnésias do céu.
Por que me dão

The Night Dances (2)

These lumps, these planets
Falling like blessings, like flakes

Six-sided, white
On my eyes, my lips, my hair

Touching and melting.
Nowhere.

Estas lâmpadas, estes planetas
Caindo como bênçãos, como flocos

Com seis lados, brancos
Sobre meus olhos, meus lábios, meus cabelos

Tocando e derretendo.
Lugar nenhum.

The Detective

What was she doing when it blew in
Over the seven hills, the red furrow, the blue mountain?
Was she arranging cups? It is important.
Was she at the window, listening?
In that valley the train shrieks echo like souls on hooks.

What is the valley of death, though the cows thrive.
In her garden the lies were shaking out their moist silks
And the eyes of the killer moving sluglike and sidelong,
Unable to face the fingers, those egotists.
The fingers were tamping a woman into a wall,

A body into a pipe, and the smoke rising.
This is the smell of years burning, here in the kitchen,
These are the deceptions, tacked up like family photographs,
And this is a man, look at his smile,
The death weapon? No-one is dead.

There is no body in the house at all.
There is the smell of polish, there are plush carpets.
There is the sunlight, playing its blades,
Bored hoodlum in a red room
Where the wireless talks to itself like an elderly relative.

Did it come like an arrow, did it come like a knife?
Which of the poisons is it?
Which of the nerve-curlers, the convulsions? Did it electrify?
This is a case without a body,
The body does not come into it at all.

It is a case of vaporization.
The month first, its absence reported
In the second year. It had been inevitable

A DETETIVE

O que ela fazia quando ventou de repente
Sobre as sete colinas, o sulco vermelho, a montanha azul?
Estava arrumando xícaras? É importante.
Estava na janela, ouvindo tudo?
Naquele vale os guinchos do trem ecoam como almas penadas.

Aquele é o vale da morte, embora vacas vicejem.
Em seu jardim as mentiras sacudiam suas sedas úmidas
E os olhos do assassino movendo-se de lado e como lesma,
Incapazes de enfrentar os dedos, aqueles egoístas.
Os dedos tapavam uma mulher numa parede,

Um corpo no cachimbo, e a fumaça subindo.
Este é o cheiro de anos queimando, aqui na cozinha,
Estes são os enganos, fixados como fotos de família,
E este é um homem, olhe para seu sorriso,
A arma do crime? Ninguém morreu.

Não há corpo algum na casa.
Há cheiro de cera, tapetes de pelúcia.
Há a luz do sol, lançando suas lâminas,

Facínora enfadado numa sala vermelha
Onde o rádio fala sozinho, como um parente idoso.

Veio em forma de flecha, em forma de faca?
Qual dos venenos ele tem?
Que coisas exasperantes, convulsivas? Ele excita?
Este é um caso sem corpo.
O corpo não se apossa dele.

É um caso de vaporização.
Primeiro a boca, sua ausência informada
No segundo ano. Era insaciável

The Detective (2)

And in punishment was hung out like brown fruit
To wrinkle and dry.

The breakfast.

These were harder, two white stones.

The milk came yellow, then blue and sweet as water.

There was no absence of lips, there were two children,

But their bones showed, and the moon smiled.

Then the dry wood, the gates,

The brown motherly furrows, the whole estate.

We walk on air, Watson.

There is only the moon, embalmed in phosphorus.

There is only a crow in a tree. Make notes.

E, como castigo, foi pendurada como fruta madura
Para enrugar e secar.

Depois os peitos.
Estes foram mais duros, duas pedras brancas.
O leite veio amarelo, depois azul e doce como água.
Lábios não faltavam, eram duas crianças,
Mas seus ossos apareciam, e a lua sorria.

Então a lenha seca, os portões,
As estrias maternais e marrons, todo o lote.
Caminhamos sobre o ar, Watson.
Só existe a lua, conservada em fósforo.
Há apenas um corvo numa árvore. Anote.

Ariel

Stasis in darkness.
Then the substanceless blue
Four of tor and distances.

God's Lioness;
How one we grow;
Pivot of heels and knees;¹—~~The~~ farrow

Splits and passes, sister to
The brown arc
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Berries cast dark
Hooks---

Black sweet blood mouthful;
Shadow;
Something else

Hauls me through air---
Thighs, hair;
Flakes from my heels.

White
Godiva, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies^f

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

ARIEL

Estase no escuro.
E um fluir azul sem substância
De rochedos e distâncias.

Leoa de Deus,
Como nos unimos,
Eixo de calcanhares e joelhos! – O sulco

Divide e passa, irmão do
Arco castanho
Do pescoço que não posso pegar,

Olhinegras
Bagas lançam escuros
Ganchos –

Goles de sangue negro e doce,
Sombras.

Algo mais

Me arrasta pelos ares –
Coxas, pelos;
Escamas de meus calcanhares.

Godiva
Branca, me descasco –
Mãos mortas, asperezas mortas.

E agora
Espumo com o trigo, um brilho de mares.
O choro da criança

Ariel (2)

Leets in the wall.

And I

Am the arrow,

The dew that flies

Quicidal, at one with the drive

Into the red

Eye, the cauldron of morning.

Dissolve-se no muro.
E eu
Sou a flecha,

Orvalho que voa
Suicida, e de uma vez avança
Contra o olho

Vermelho, caldeirão da manhã.

Doris A. Co.

Two. Of course there are two.
It seems perfectly natural now---
The one who never looks up, whose eyes are lidded
And balled, like slacks,
Who exhibits

The birthmarks that are his trademark---
The scald scar of water,
The nude
Verdigris of the condor,
I am red meat. His beak

Claps sideways: I am not nice yet.
He tells me how badly I photograph.
He tells me how sweet
The babies look in their hospital
Icebox, a simple

Frill at the neck,
Then the flutings of their Ionian
Death-gowns,
Then two little feet.
He does not smile or smoke.

The other does that,
His hair long and plussive.
Fastard
Masturbating a glitter,
He wants to be loved.

I do not stir.
The frost makes a flower,
The dew makes a tear.
The dead bell,
The dead bell.

Somebody's done for.

MORTE & CIA.

Dois. Com certeza são dois.
Me parece perfeitamente natural agora –
Aquele que nunca ergue os olhos, de pálpebras fechadas
Bem redondas, como as de Blake,
Que exhibe

Marcas de nascença, sua marca registrada –
Cicatriz de água fervente,
O nu
Verdigris do condor.
Sou carne fresca. Seu bico

Me belisca: ainda não sou sua.
Ele me diz que fotografo muito mal.
Me diz como são doces
Os bebês na geladeira
Do hospital, um simples

Babado no pescoço,
E o esvoaçar de suas jônicas
Camisolas mortuárias,

E dois pezinhos.
Ele não sorri nem fuma.

O outro sim,
Cabelos compridos e plausíveis.
Bastardo
Masturbando um brilho,
Ele quer ser amado.

Não me mexo.
Do frio se faz uma flor,
Do orvalho se faz uma estrela.
O sino letal,
O sino letal.

Alguém ferido de morte.

Ms. 91

The abstracts never like dull angels:
Nothing so vulgar as a nose or an eye
Possessing the ethereal blanks of their face-ovals.

Their whiteness bears no relation to laundry,
Snow, chalk or suchlike. They're
The real thing, all right: the Good, the True—

Salutary and pure as boiled water,
Loveless as the multiplication table.
While the child smiles into thin air.

Six months in the world, and she is able
To rock on all fours like a padded hammock.
For her, the heavy notion of Evil

Attending her cot is less than a belly ache,
And Love the mother of milk, no theory.
They mistake their star, these papery godfolk.

They want the crib of some lamp-headed Plato.
Let them astound his heart with their merit.
What girl ever flourished in such company?

REIS MAGOS

As abstrações flutuam como anjos entediados:
Nada é tão vulgar quanto um nariz ou um olho
A decorar os ocos etéreos de suas faces ovais.

Suas brancuras não lembram roupa para lavar,
Neve, giz ou coisa assim. São
A coisa real e certa: o Bem, a Verdade –

Salutares e puros como água fervente,
Isentos de amor, como uma tabuada.
Enquanto isso, a criança sorri no ar rarefeito.

Seis meses no mundo, e ela é capaz
De balançar de gatinhas, como rede acolchoada.
Para ela, a pesada ideia do Mal,

Junto a seu berço, é menos que dor de barriga,
E o Amor é a ama de leite, sem teoria.

Eles se enganam de estrela, estes deuses de papel.

Querem a manjedoura de algum iluminado Platão.
Que surpreendam seu coração com seus méritos.
Que menina já floriu em tão nobre companhia?

Lesbot

Viciousness in the kitchen
The potatoes hiss.
It is all Hollywood, windowless,
The fluorescent light winking on and off like a terrible migraine,
Gay paper strips for doors---
Stage curtains, a widow's frizz
And I, love, am a pathological liar,
And my child---look at her, face down on the floor,
Little unstrung puppet, kicking to disappear---
Why she is a schizophrenic,
Her face red and white, a panic.
You have stuck her kittens outside your window
In a sort of cement well
Where they cry and puke and cry and she can't hear.
You say you can't stand her,
The bastard's a girl.
You who have blown your tubes like a bad radio
Clear of voices and history, the staticky
Noise of the new.
You say I should drown the kittens. Their one! I!
You say I should drown my girl.
She'll cut her throat at ten if she's mad at two.
The baby smiles, fat snail.
From the polished lozenges of orange linoleum,
You could eat him. He's a boy.
You say your husband is just as good to you,
His jaw-mama guards his sweet sex like a pearl.
You have one baby, I have two.
I should sit on a rock off Cornwall and comb my hair.
I should wear tiger pants, I should have an affair.
We should meet in another life, we should meet in air,
Me and you.

LESBOS

Sacanagem na cozinha!
As batatas sibilam.
Isto é Hollywood, sem janelas,
A luz fluorescente latejando como enxaqueca terrível,
Tiras tímidas de papel em vez de portas –
Cortinas de teatro, friso de viúva.
E eu, amor, sou uma mentirosa patológica,
E minha criança – olhe para ela, face no chão,
Bonequinha frouxa, esperneando para desaparecer –
Por que ela é esquizofrênica,
Seu rosto branco e vermelho, um pânico.
Você pôs os gatinhos para fora da sua janela
Numa espécie de poço de cimento
Onde eles cagam e vomitam e gritam sem que ela possa ouvir.
Você diz que não a suporta mais,
A bastarda é uma menina.
Você, que rebentou seus tubos como um rádio ruim
Limpo de vozes e história, o ruído
De estática do novo.
Você me diz para afogar os gatinhos. Que fedor!
Você me diz para afogar minha menina.
Ela vai cortar a garganta aos dez, se já é louca aos dois.
O bebê sorri, lesma obesa,
Dos losangos reluzentes do linóleo laranja.
Dá para comê-lo. É um menino.
Você diz que seu marido não é bom para você,
Que a mãe-judia guarda o doce sexo dele como uma pérola.
Você tem um bebê, eu tenho dois.
Eu devia sentar numa rocha na Cornualha e me pentear.
Vestir pele de onça e ter um caso.
A gente devia se cruzar em outra vida, se cruzar no ar,

Eu e você.

Lesbos (2)

Meanwhile there's a stink of fat and baby crap.
I'm doped and thick from my last sleeping pill.
The smog of cooking, the smog of hell
Floats our heads, two venomous opposites,
Our bones, our hair.
I call you Orphan, orphan. You are ill.
The sun gives you ulcers, the wind gives you t.b.
Once you were beautiful.
In New York, Hollywood, the man said: 'Through?
Gee baby, you are rare.'
You acted, acted, acted for the thrill.
The impotent husband slumps out for a coffee.
I try to keep him in,
An old pole for the lightning,
The acid baths, the skyfule off of you.
He lumps it down the plastic bobbed hill,
Flogged trolley. The sparks are blue.
The blue sparks spill,
Splitting like quartz into a million bits.

O jewel! O valuable!
That night the moon
Dragged the blood bag, sick
Animal
Up over the harbor lights.
And then grew normal,
Hard and smart and white.
The scale-aboy on the mud scoured me to death.
We kept picking up handfuls, loving it,
Working it like dough, a mulatto body,
The silk grass.
A dog picked up your doggy husband. They went on.

Now I am silent, mute
Up to my neck,
Thick, thick!

Enquanto isto, há um fedor de gordura e cocô de bebê.
Fiquei chapada e estúpida depois de meu último sonífero.
O vapor da comida, o vapor do inferno
Flutua sobre nossas cabeças, opostas venenosas,
Sobre nossos ossos e cabelos.
Te apelido de Órfã, órfã. Você está doente.
O sol te provoca úlceras, o vento, tuberculose.
Você já foi bonita um dia.
Em Nova York, em Hollywood, os homens te diziam: “Pronta?
Uau, gatinha, você é demais”.
Você fingia, fingia, fingia só pela emoção.
O marido impotente sai, curvado, para um café.
Tento prendê-lo em casa,
Um velho poste para iluminação,
Os banhos ácidos, os firmamentos fartos de você.
Desce a colina de pedras plásticas,
Bonde açoitado. As faíscas são azuis.
As faíscas azuis despencam,
Espatifam como quartzo em milhões de pedaços.

Oh, joia rara. Oh, tesouro.
Naquela noite a lua
Arrastou seu saco de sangue, animal
Doente
Sobre as luzes do porto.
E depois cresceu normal,
Dura e reservada e branca.
O reflexo das escamas na areia me matava de medo.
Pegamos punhados dela, amando-a,
Modelando-os como massa, corpo mulato,
Gretas de seda.
Um cachorro mordeu seu marido cachorro. Não pararam.

Agora estou calada, ódio
Até o pescoço,
Grosso, grosso.

Leaves (3)

I do not speak.

I am pecking the hard potatoes like good clothes,

I am pecking the babies,

I am pecking the sick cats.

O vase of acid!

It is love you are full of. You know who you hate.

He is hugging his ball and chain down by the gate

That opens to the sea

Where it drives in, white and black,

Then spews it back.

Every day you fill him with soul-stuff, like a pitcher.

You are so exhausted!

Your voice my ear-ring,

Flapping and sucking, blood-loving but.

That is that! That is that!

You peer from the door,

Sad hag. 'Every woman's a whore.

I can't communicate.'

I see your cute décor

Glow on you like the fist of a baby

Or an anemone, that sea

Sweetheart, that kleptomaniac.

I am still raw.

I say I may be back.

You know who. Lies are for!

Even in your Zen heaven we ain't meet!

Não falo nada.
Empacoto as batatas duras como roupas boas,
Empacoto os bebês,
Empacoto os gatos doentes.
Oh, vaso de ácido,
É de amor que você está cheio. Você sabe quem você odeia.
Ele abraça a patroa sob o portão
Que se abre para o mar
Lá onde ele mergulha, preto e branco,
Depois o cospe novamente.
Todo dia você o enche com seus papos de alma, como a um jarro.
Você está tão exausta.
Sua voz meu brinco,
Oscilando e sugando, morcego amante de sangue.
É isso aí. Isso aí.
Você espia da porta,
Bruxa triste. “Toda mulher é uma puta.
Difícil me comunicar.”

Vejo sua decoração bonita
Fechada como o punho de um bebê
Ou uma anêmona, aquele mar,
Meu bem, aquele cleptomaníaco.
Ainda não estou no ponto.
Qualquer hora dessas apareço.
Você sabe para que servem as mentiras.

Nem no seu paraíso Zen a gente vai se cruzar.

The Other

You come in late, wiping your lips.
What did I leave untouched on the doorstep---

White Nike,
Streaming between my walls?

Smilingly, blue lightning
Assumes, like a meathook, the burden of his parts.

The police love you, you confess everything.
Bright hair, shoes-black, old plastic,

Is my life so intriguing?
Is it for this you widen your eye-rings?

Is it for this the air notes depart?
They are not air notes, they are corpuscles.

Open your handbag. What is that bad smell?
It is your knitting, busily

Hooking itself to itself,
It is your sticky candies.

I have your head on my wall.
Navel cords, blue-red and lucent,

Shriek from my belly like arrows, and these I ride.
O moon-glow, o sick one,

The stolen horses, the fornications
Circle a woad of marble.

(next page)

A OUTRA

Você chega tarde, limpando os lábios.
O que deixei intocado no degrau da entrada –

Branca Nike,
Flutuando entre minhas paredes?

Sorridente, o relâmpago azul
Assume, como um gancho, o peso de suas partes.

A polícia te adora, você confessa tudo.
Cabelo brilhante, sapato preto, velho plástico,

Minha vida é assim tão intrigante?
É para isso que você abre bem os olhos?

É por isso que as moléculas partem?
Não são moléculas, são glóbulos.

Abra sua bolsa. Que mau cheiro é este?
É seu tricô, ativamente

Enrolando-se nele mesmo,
São seus doces grudentos.

Tenho sua cabeça em minha parede.
Cordões umbilicais, vermelhos, azuis, reluzentes,

Guincham em minha barriga como flechas, e nelas cavalgo.
Oh, brilho da lua, oh, doente,

Os cavalos roubados, as fornicções
Circundam um ventre de mármore.

The Other (2)

Where are you going
That you suck breath like mileage?

Sulphurous adulteries grieve in a dream.
Cold glass, how you insert yourself

Between myself and myself*
I scratch like a cat.

The blood that runs is dark fruit---
An effect, a cosmetic.

You smile.
No, it is not fatal.

Onde vai você
Que chupa o ar como milhagens?

Adúlteros sulfurosos sofrem em sonho.
Vidro frio, como você se insere

Entre mim e mim.
Eu arranho feito gato.

O sangue que verte é fruto escuro –
Um efeito, um cosmético.

Você sorri.
Não, não é fatal.

Stopped Dead

A squeal of brakes.
Or is it a birth cry?
And here we are, hung out over the dead drop
Uncle, pants factory Paton, millionaire?
And you out cold beside me in your chair.

The wheels, two rubber grass, bite their sweet tails.
Is that Spain down there?
Red and yellow, two passionate hot metals
Writhing and sighing, what sort of a scenery is it?
It isn't England, it isn't France, it isn't Ireland.

It's violent. We're here on a visit,
With a goddam baby screaming off somewhere.
There's always a bloody baby in the air.
I'd call it a sunset, but
Whoever heard a sunset yowl like that?

You are sunk in your seven skins, still as a sam.
Who do you think I am,
Uncle, uncle?
Sad Hamlet, with a knife?
Where do you stash your life?

Is it a penny, a pearl---
Your soul, your soul?
I'll carry it off like a rich pretty girl,
Simply open the door and step out of the car
And live in Gibraltar on air, on air.

MORTE SÚBITA

Guincho de freios.

Ou grito de bebê?

E aqui estamos, pendurados sobre o tio

Confidencial, gordo fabricante de calças, milionário.

E você, em seu banco, frio ao meu lado.

As rodas, dois vermes de borracha, mordem suas caudas doces.

É a Espanha ali embaixo?

Vermelho e amarelo, dois metais ardentes de paixão

Se contorcendo e gemendo, que cenário é este?

Não é a Inglaterra, nem a França, nem a Irlanda.

É violento. Estamos aqui de visita,

Com um maldito bebê berrando em algum lugar.

Sempre há um maldito bebê no ar.

Chamaria isso de um poente, mas quem

Já ouviu um poente berrar assim?

Você se afunda em seus sete queixos, parado como um ator ruim.

Quem você pensa que sou,

Titio, titio?

Triste Hamlet, com uma adaga?
Onde você guarda sua vida?

É uma moeda, uma pérola –
Sua alma, sua alma?
Vou levá-la comigo como uma moça bonita e rica,
Simplesmente abrir a porta, sair do carro e
Morar em Gibraltar, no ar, no ar.

Poppies in October

for Helder + Suzette Maqado

Even the sun-shoulds this morning cannot unstage such skirts,
Nor the woman in the ambulance
Whose red heart blooms through her coat so astoundingly---

A gift, a love gift
Utterly unasked for
By a sky

Palely and flamily
Igniting its carbon monoxide, by eyes
Dulled to a halt under bowlers.

O my God, what am I
That these late mouths should cry open
In a forest of frost, in a dawn of cornflower^{ed}.

PAPOULAS DE OUTUBRO

*Para Helder e Suzette
Macedo*

Nesta manhã nem sol nem nuvens podem controlar estas saias.
Nem a mulher na ambulância
Cujo coração vermelho viceja assustadoramente pelo casaco –

Um presente, presente de amor
Espontaneamente oferecido
Por um céu

Pálido e ardente
Inflamando seus monóxidos de carbono, por olhos
Opacos, parados sob chapéus-cocos.

Oh, meu Deus, que sou eu
Que estas bocas temporãs devam gritar
Em floresta de geada, em aurora de centáureas-azuis!

The Courage of ~~Shouting Up~~
~~Shouting Up~~

The courage of the shut mouth, in spite of artillery!
The line pink and quiet, a worm, basking.
There are black discs behind it, the discs of outrage,
Indicating outrage of a sky, the lined brain of it.
The discs revolve, they seek to be heard,

Loaded, as they are, with accounts of bastardies.
Bastardies, usages, desertions and doubleness,
The needle journeying in its groove,
Silver beast between two dark canyons,
A great surgeon, now a tattooist,

Tattooing over and over the same blue grievances,
The snakes, the babies, the tito
On mermaids and two-legged dreamgirls.
The surgeon is quiet, he does not speak.
He has seen too much death, his hands are full of it.

So the discs of the brain revolve, like the muzzles of cannon.
Then there is that antique billhook, the tongue,
Indefatigable, purple. Must it be cut out?
It has nine tails, it is dangerous.
And the noise it flaps from the air, once it gets going?

No, the tongue, too, has been put by
Hung up in the library with the engravings of Rangoon
and the fox heads, the otter heads, the heads of dead rabbits.
It is a marvellous object.
The things it has pierced in its time!

But how about the eyes, the eyes, the eyes?
Mirrors can kill and talk, they are terrible rooms
In which a torture goes on one can only watch.

A CORAGEM DE CALAR

A coragem da boca fechada, apesar da artilharia!
A linha rósea e quieta, um verme, exposto ao sol.
E há discos negros por trás, discos do ultraje,
E o ultraje de um céu, e os riscos de seu cérebro.
Os discos giram, querem ser ouvidos,

Carregados, como estão, de adultérios.
Adultérios, maus-tratos, deserções e hipocrisia,
A agulha viajando em sua ranhura,
Fera prateada entre dois cânions escuros,
Um grande cirurgião, um tatuador agora,

Tatuando mais e mais as mesmas tristes queixas,
As cobras, os bebês, as tetas
Nas sereias e garotas de sonho.
O cirurgião está calado, não fala nada.
Já viu muitas mortes, suas mãos estão repletas.

Assim giram os discos do cérebro, como bocas de canhão.
E há aquela foice antiga, a língua,
Incansável, roxa. Deve ser cortada fora?

Tem nove caudas, é perigosa.
E o barulho que rouba do ar, quando começa.

Não, a língua também foi deixada de lado
Pendurada na biblioteca entre gravuras de Rangoon
E cabeças de raposas, lontras e coelhos mortos.
É um objeto maravilhoso –
Quantas coisas penetrou em outros tempos!

Mas e os olhos, os olhos, os olhos?
Espelhos matam e conversam, são quartos terríveis
Onde a tortura prossegue e só se pode olhar.

The Courage of Quietness (2)

The face that lived in this mirror is the face of a dead man.
Do not worry about the eyes---

They may be white and shy, they are no stool pigeons,
Their death rays folded like flags

Of a country no longer heard of,
An obstinate independency
Insolvent among the mountains.

O rosto que habitava este espelho é o de um homem morto.
Não se preocupe com os olhos –

Podem ser brancos e tímidos, não são delatores,
Seus raios mortais se dobraram como bandeiras
De um país que não se conhece mais,
Uma independência obstinada
Insolvente entre as montanhas.

Nick and the Candlestick

I am a miner. The light burns blue.
Waxy stalactites
Drip and thicken, tears

The earthen womb
Exudes from its dead bosom.
Black hot air

Wrap me, raggy shawls,
Cold homicides,
They weld to me like plums.

Old cave of calcium
Icicles, old schorl
Even the nests are white,

Those holy Jews.
And the fish, the fish---
Christ! they are puns of ice,

A vice of knives,
A Piranha
Religion, drinking

Its first communion out of my live ones.
The candle
Gulps and recovers its small altitude,

Its yellow hearten.
O love, how did you get here?
O embryo

Remembering, even in sleep,
Your crossed position.
The blood blooms clean

NICK E O CASTIÇAL

Sou um mineiro. A luz arde azul.
Estalagmites de cera
Gotejam e engrossam, lágrimas

Que o ventre terrestre
Transpira de seu tédio mortal.
Bafejos de morcego negro

Me envolvem, xales em farrapos,
Frios homicídios.
Soldam-se a mim como chumbos.

Velha caverna de pingentes
De cálcio, de ecos antigos.
Até as salamandras são brancas,

Aqueles homens santos.
E os peixes, os peixes –

Cristo! São vidraças de gelo,

Vício de facas,
Uma piranha
Religião, recebendo

Sua primeira comunhão de meus dedos ávidos.
A vela
Ofega e recupera sua baixa altitude,

Suas chamas se animam.
Oh, meu amor, como foi parar aqui?
Oh, embrião

Me lembrando, mesmo em sonho,
Sua posição em cruz.
O sangue floresce puro

Nick and the Candlestick (2)

In you, ruby.
The pain
You make to in no. yours.

Love, love,
I have hung our cave with roses,
With soft rugs---

The last of Victoriana
Let the stars
Plummet to their dark address,

Let the mercuric
Atoms that cripple drip
Into the terrible well,

You are the one
Solid the spaces lean on, envious.
You are the baby in the barn.

Em você, rubi.
A dor
Ao acordar não é a sua.

Amor, amor,
Forrei nossa caverna com rosas,
Com tapetes macios –

Última moda vitoriana.
Que as estrelas mergulhem
Em seu escuro endereço,

Que os átomos
Mercúricos, mutilantes
Pinguem no terrível poço,

Você é aquele
Sólido onde os espaços se apoiam, invejosos.
Você é o bebê no celeiro.

Herck-Flage

1.

This is the sea, then, this great abyssance.
How the sun's pealtice draws on my inflammation~~s~~

Electrifyingly-colored sharbets, scooped from the freeze
By pale girls, travel the air in scorched hands.

Why is it so quiet, what are they hiding?
I have two legs, and I move cullingly.

A sandy damper kills the vibrations;
It stretches for miles, the shrunk voices

Waving and crutchless, half their old size.
The lines of the eye, scalded by these bald surfaces,

Roaring like anchored elastic, hurting the owner.
Is it any wonder he puts on dark glasses?

Is it any wonder he affects a black cassock?
Here he comes now, among the mackerel gatherers

Who wall up their backs against him.
They are handling the black and green lozenges like the parts of a body.

The sea, that crystallized these,
Creeps away, many-eyed, with a long hiss of distress.

2.

This black boot has no mercy for anybody.
Why should it, it is the hearse of a dead feet.

The high, dead, soulless feet of this priest
Who plumbs the wall of his boot,

(next page)

PRAIA DE BERCK

1

Esse é o oceano, então, essa suspensão imensa.
Como a compressa do sol atrai minha inflamação!

Sorvetes eletrizantemente coloridos, cavados do congelador
Por meninas pálidas, viajam pelo ar em mãos queimadas.

Por que tanto silêncio, o que escondem?
Tenho duas pernas, e caminho sorridente.

Uma surdina arenosa mata as vibrações;
Se estende por milhas, as vozes encolhidas

Ondulando e sem muletas, metade de seu tamanho antigo.
A linha dos olhos, escaudada por estas superfícies calvas,

Bumerangue desancorado por elásticos, ferindo o dono.
Espanto por ele usar óculos escuros?

Surpresa por ele vestir batina negra?
Aí vem ele, entre os pescadores de cavalas

Que armam uma muralha à sua volta.
Eles mexem com losangos pretos e verdes, como partes de um corpo.

O mar, que os cristalizou,
Se arrasta e se afasta, serpente, com um longo assobio de aflição.

2

Esta bota preta não tem pena de ninguém.
Por que deveria, se é o féretro de um pé morto,

O pé alto, morto e sem dedos deste padre
Que mede a profundidade de seu livro,

Berck-Flage (2)

The cone print bulging before him like scenery,
Obscene bikinis hide in the dunes,

Breasts and hips a confectioner's sugar
Of little crystals, titillating the light,

While a green pool opens its eye,
Sick with what it has swallowed---

Lints, images, shrieks, behind the concrete bunkers
Two lovers unstack themselves.

O white sea-crockery!
What copped sight, what salt in the throat!

And the onlooker, trembling,
Drawn like a long material

Through a still virulence,
And a weed, hairy as private.

3.

On the balconies of the hotel, things are glittering.
Things, things!---

Tubular steel wheelchairs, aluminum crutches!
Such salt-sweetness! Why should I walk

Beyond the breakwater, spotty with barnacles?
I am not a nurse, white and attendant,

I am not a smile,
These children are after something, with looks and cries,

And my heart too small to bandage their terrible faults.
This is the side of a man: his red ribs,

{next page}

Letras impressas crescem à sua frente como um cenário.
Biquínis obscenos se escondem nas dunas,

Seios e quadris, açúcar de confeitiro
De pequenos cristais, excitando a luz,

Enquanto uma poça verde abre seu olho,
Doente de tanto engolir restolhos –

Membros, imagens, gritos. Atrás dos bunkers de concreto
Dois amantes se desgrudam.

Ah, louça branca do oceano,
Quantos suspiros nas xícaras, quanto sal na garganta!

E o espectador, tremendo,
Arrastado como uma longa matéria

Através de uma calma virulência,
E uma alga, peluda como genitais.

3

Nas sacadas do hotel as coisas brilham.
Coisas, coisas –

Cadeiras de rodas com tubos de aço, muletas de alumínio.
Sinta a doçura salina! Por que deveria caminhar

Além do quebra-mar, salpicado de mariscos?
Não sou enfermeira, de branco, em serviço,

Não sou um sorriso.
Estas crianças procuram alguma coisa, com anzóis e gritos,

E meu coração é pequeno demais para enfaixar suas ofensas terríveis.
Este é um homem de perfil: suas costelas vermelhas,

perok-plage (3)

The nerves bursting like trees, and this is the surgeon:
One nursery eye---

A facet of knowledge,
On a striped mattress in one room

An old man is weeping,
There is no help in his weeping wife.

Where are the eye-stones, yellow and valuable,
And the tongue, sapphire of ash.

4.
A wedding-cake face in a paper frill.
How superior he is now.

It is like possessing a saint.
The nurses in their wing-caps are no longer so beautiful;

They are crowning, like touched gardenias.
The bed is rolled from the wall.

That is what it is to be complete. It is terrible.
Is he wearing pajamas or an evening suit?

Under the piled sheet from which his powdery beak
Rises so whitely, unbuffeted?

They propped his jaw with a book until it stiffened
And folded his hands, thus were shading: goodbye, goodbye.

Now the washed sheets fly in the sun,
The pillow cases are sweetening.

It is a blessing, it is a blessing:
The long coffin of soap-colored oak,

The curious bearers and the raw date
Engraving itself in silver with marvelous calm.

Nervos rompendo como árvores, e este é o cirurgião:
Olho espelhado –

Faceta de conhecimento.
Num quarto, sobre o colchão listrado

Um velho está desvanecendo.
Não há ajuda na esposa com seu lamento.

Onde andam as pedras dos olhos, amarelas e preciosas,
E a língua, safira de cinza.

4
Cara de bolo de noiva em dobra de papel.
Como ele é superior agora.

É como possuir um santo.
As enfermeiras, com suas toucas, deixam de ser bonitas;

Estão amarelando, como gardêneas colhidas.
Desencostaram a cama da parede.

Isto é que é estar completo. É terrível.
Será que ele está de pijamas ou de smoking

Sob o lençol grudento de onde seu bico maquiado
Se levanta, sem mácula, tão pálido?

Com um livro escoraram sua mandíbula, até que se firmasse
E cruzaram suas mãos, que tremiam: adeus, adeus.

Agora os lençóis lavados esvoaçam ao sol,
As fronhas se perfumam.

É uma bênção, uma bênção:
O longo esquife de carvalho cor de sabão,

Uns carregadores curiosos e a data bruta
Gravando-se em prata com maravilhosa calma.

Berck-Flaxs (4)

5.

The gray sky lowered, the hills like a green sea
Sun fold upon fold far off, concealing their hollows,

The hollows in which rock the thoughts of the wife---
Blunt, practical toasts

Full of dresses and hats and china and married daughters.
In the parlor of the stone house

One curtain is flickering from the open window,
Flickering and pouring, a pitiful candle.

This is the tongue of the dead man: remember, remember.
How far he is now; his motions

Around him like livingroom furniture, like a floor.
As the pallors gather---

The pallors of hands and neighborly faces,
The slate pallors of flying iris.

They are flying off into nothing: remember us.
The empty beaches of memory look over stones,

Marble façades with blue veins, and jelly-glassfuls of Jelliedale.
It is so beautiful up here: it is a stopping place.

6.

The structural fatness of these lime leaves^l—
Fallarded green balls, the trees march to church.

The voice of the priest, in thin air,
Meets the corpse at the gate,

Addressing it, while the bells roll the notes of the dead bell:
A glitter of wheat and crude earth.

5

O céu cinzento desce, como um verde mar essas colinas
Desdobram-se na distância, escondendo suas fendas,

As fendas onde oscilam os pensamentos da esposa –
Barcos práticos, abruptos

Repletos de vestidos e chapéus e louças e filhas casadas.
Na sala de visitas da casa de pedra

Uma cortina tremula na janela aberta,
Tremula e goteja, pobre vela.

Esta é a língua do morto: lembrem-se, lembrem-se.
Como agora está longe, seus atos

À sua volta como móveis da sala, como decoração.
Enquanto a palidez se reúne –

Palidez de mãos e rostos prestativos,
Palidez feliz de íris esvoaçantes.

Voam para dentro do nada: lembrem-se de nós.
As margens vazias da memória examinam pedras,

Fachadas de mármore com veias azuis, e vidros de compota cheios de
narcisos.
É tão bonito aqui em cima: lugar para uma pausa.

6

A oleosidade artificial destas folhas de tília! –
Bolas verdes podadas, as árvores marcham para a igreja.

A voz do padre, pelo ar rarefeito,
Cruza a do cadáver, no portão,

E a ele se dirige, enquanto colinas ribombam as notas do sino mortal;
Um brilho de trigo e terra crua.

serok-Plage (5)

What is the name of that color?--
Old blood of baked walls the sun heals,

Old blood of limb stumps, burnt hearts,
The widow with her black pocketbook and three daughters,

Necessary among the flowers,
Unfolds her face like fine linen,

Not to be spread again.
Wails a sky, wormy with put-by smiles,

Passes cloud after cloud,
And the bride flowers expend a freshness,

And the soul is a bride
In a still place, and the groom is red and forgetful, he is featureless.

7.

Behind the glass of this car
The world purrs, shut-off and gentle.

And I am dark-suited and still, a member of the party,
Gliding up in low gear behind the cart.

and the priest is a vessel,
a tarred fabric, sorry and dull,

Following the coffin on its fleecy cart like a beautiful woman,
a crest of breasts, eyelids and lips

Storming the hilltop.
Then, from the barred yard, its children

Smell the melt of shoe-blackening,
Their faces turning, wordless and slow,

(next page)

Qual é o nome daquela cor? –
Sangue ancestral de duras paredes curadas pelo sol,

Sangue ancestral de tocos de membros, corações ardentes.
A viúva com seu livrinho negro e três filhas,

Necessárias entre as flores,
Envolve o rosto como linho fino,

Para nunca mais ser retirado.
Enquanto um céu, infestado de sorrisos recusados,

Passa, nuvem após nuvem.
E as flores da noiva dependem uma frescura,

E a alma é uma noiva

Num lugar tranquilo, e o noivo é vermelho e esquecido, inexpressivo.

7

Atrás do vidro deste carro
O mundo ronrona, fechado e gentil.

Estou vestida de negro e quieta, membro da festa,
Deslizando em marcha lenta atrás da carroça.

E o padre é um navio,
Um pano pichado, triste e enfadonho,

Seguindo o caixão sobre a carroça florida, como uma linda mulher,
Crista de peitos, pálpebras e lábios

Atacando o topo da montanha.
Então, do pátio gradeado, crianças

Sentem o cheiro da graxa de sapato derretendo,
Seus rostos se viram, sem palavras, lentos,

Herok-Plage (6)

Their eyes opening
On a wonderful thing--

Six round black hats in the grass and a lozenge of wood,
And a naked mouth, red and awkward.

For a minute the sky pours into the hole like plasma.
There is no hope, it is given up.

* * * * *

Seus olhos se abrindo
Sobre uma coisa maravilhosa –

Na grama seis chapéus pretos e redondos, e um losango de madeira,
E uma boca nua, rubra e estranha.

Por um minuto o céu se lança pela cova como plasma.
Não há esperança, está entregue.

Gulliver

Over your body the clouds go
High, high and lolly
And a little flat, as if they

Floated on a glass that was invisible.
Unlike swans,
Having no reflections;

Unlike you,
With no strange attached.
All cool, all blue. Unlike you—

You, there on your back,
Eyes to the sky.
The spider-men have caught you,

Winding and twining their patty fetters,
Their bribes—
So many silks.

How they rate you.
They converse in the valley of your fingers, they are inchworms.
They would have you sleep in their cabinets,

This toe and that toe, a relic.
Step off!
Step off seven leagues, like those distances

That revolve in Crivelli, untouchable.
Let this eye be an eagle,
The shadow of this lip, an abyss.

GULLIVER

Sobre seu corpo as nuvens passam
Altas, altas e geladas
E um tanto finas, como se

Flutuassem num vidro invisível.
Diferentes dos cisnes,
Não têm reflexos;

Diferentes de você,
Sem cordas para te prender.
Tudo bem, tudo azul. Diferentes de você –

Você aí, de costas,
Olhos grudados no céu.
Os homens-aranhas te pegaram,

Lançando e enrolando suas frágeis algemas,
Suas seduções –

Tantas sedas.

Como eles te odeiam.

Eles conversam no vale dos seus dedos, minúsculos vermes.

Fariam você dormir em seus armários,

Este dedo e aquele, uma relíquia.

Cai fora!

Cai fora, sete léguas, como aquelas distâncias

Que se movem num Crivelli, intocáveis.

Deixe que este olho vire águia,

A sombra de seu lábio, um abismo.

Getting There

How far is it?
How far is it now?
The gigantic gorilla interior
Of the wheels move, they appeal us---
The terrible brains
Of Krupp, black muzzles
Revolving, the sound
Punching out (absence! like cannon,
It is Russia I have to get across, it is some war or other.
I am dragging my body
Quietly through the straw of the boxcars.
Now is the time for bribery.
What do wheels eat, these wheels
Fixed to their axes like gods,
The silver leash of the will---
Inexorable. And their pride!
All the gods know is destinations.
I am a letter in this slot---
I fly to a name, two eyes.
Will there be fire, will there be bread?
Here there is such mud.
It is a trainstop, the nurses
Undergoing the faucet water, its veils, veils in a nunnery,
Touching their wounded,
The men the blood still pumps forward,
Legs, arms piled outside
The tent of unending cries,
A hospital of dolls.
And the men, what is left of the men
Pumped ahead by these pistons, this blood
Into the next mile,
The next hour---
Dynasty of broken arrows!

CHEGANDO LÁ

Falta muito?
Falta muito agora?
As entranhas gigantescas do gorila
Das rodas se movem, me apavoram –
Os cérebros terríveis
Dos Krupp, mordanças negras
Se revolvem, o som
Ribombando Ausência! como canhão.
Tenho que cruzar a Rússia, ou qualquer outra guerra.
Arrasto meu corpo
Em silêncio pela palha dos vagões.
Essa é a hora do suborno.
O que mordem as rodas, estas rodas
Fixas em seus arcos, como deusas,
A correia prateada do desejo –
Inexorável. Que arrogância!
Os deuses só sabem de destinos.
Sou uma carta nesta fissura –
Enviada a um nome, dois olhos.
Haverá fogo lá, haverá pão?
Há tanta lama aqui.
É uma estação de trem, enfermeiras
Experimentam água da torneira, seus véus, véus num convento,
Tocando seus feridos,
Homens cujo sangue ainda bombeia,
Pilhas de pernas e braços lá fora
Tenda de gritos infinitos –
Um hospital de bonecas.
E os homens, o que restou dos homens
Bombeado por estes êmbolos, este sangue seguindo
Até a próxima milha,

A próxima hora –
Dinastia de flechas partidas!

Getting There (2)

How far is it?

There is mud on my feet,
Thick, red and slipping. It is Adam's side,
This earth I rise from, and I in agony.
I cannot undo myself, and the train is steaming.
Steaming and breathing, its teeth
Ready to roll, like a devil's.
There is a minute at the end of it
A minute, a dewdrop.

How far is it?

It is so small

The place I am getting to, why are there these obstacles---
The body of this beautiful woman,
Charred skirts and deathmask
Mourned by religious figures, by garlanded children,
And now detonations---
Thunder and guns.
The fire's between us.
Is there no still place
Turning and turning in the middle air,
Untouched and untouchable.
The train is dragging itself, it is screaming---

(An) animal

Incense for the destination,
The bloodspot,
The face at the end of the flare.
I shall bury the wounded like pupas,
I shall count and bury the dead.
Let their souls writhe in a dew,
Incense in my truck.
The carriages rock, they are cradles.
And I, stepping from this skin
Of old bandages, boredoms, old faces

Step to you from the black car of Lethe,
Pure as a baby.

Falta muito ainda?
Há lama em meus pés,
Grossa, vermelha e escorregadia. É a costela de Adão,
Este barro de onde me ergo, este eu em agonia.
Não posso me desmanchar, e o trem solta fumaça.
Respira e solta fumaça, seus dentes
Prestes a rolar, como os de um demônio.
No fim de tudo isso há um minuto
Um minuto, gota de sereno.
Falta muito, ainda?
É tão pequeno
O lugar para onde estou indo, por que estes obstáculos –
O corpo desta mulher,
De saias chamuscadas e máscara mortuária
Pranteada por figuras religiosas, por crianças com grinaldas.
E agora, detonações –
Trovão e armas.
Há fogo entre nós.
Não há lugar tranquilo
Girando e girando no vento,
Intocado e intocável.
O trem se arrasta, gritando –
Animal louco
Para chegar a seu destino,
Mancha de sangue,
Rosto no fim da faísca.
Vou sepultar os feridos como larvas,
Contar e sepultar os mortos.
Que suas almas se contorçam ao relento,
Incensem meu trilho.
Os vagões balançam, são berços.
E eu, livre desta pele
De velhas gazes, tédios, rostos antigos

Saio do negro carro do Letes e ando até você,
Pura como um bebê.

Medusa

Off that landspit of stony mouth-plugs,
Eyes rolled by white sticks,
Bars cupping the sea's incoherences,
You house your unnerving head--God-ball,
Lens of mercies,

Your stoges
Flying their wild bells in my keel's shadow,
Pushing by like hearts,
Red stigmata at the very center,
Riding the rip tide to the nearest point of departure,

Dragging their Jesus hair.
Did I escape, I wonder?
My mind winds to you,
Old barnacled umbilicus, Atlantic cable,
Keeping itself, it seems, in a state of miraculous repair.

In any case, you are always there,
Tremulous breath at the end of my line,
Curve of water upleaping
To my water rod, dazzling and grateful,
Touching and sucking?

I didn't call you.
I didn't call you at all.
Nevertheless, nevertheless
You steamed to me over the sea,
Fat and red, a placenta

Paralyzing the kicking lovers.
Cobra light
Squeezing the breath from the blood bells

MEDUSA

Longe dessa península de boquilhas petrificadas,
Olhos revirados por varetas brancas,
Orelhas absorvendo as incoerências marinhas,
Você abriga sua cabeça débil – bola divina,
Lente de piedades,

Seus parasitas
Abastecem suas células selvagens à sombra de minha quilha,
Empurradas como corações,
Estigmas vermelhos bem no centro,
Cavalgando a contracorrente até o ponto de partida mais próximo,

Arrastando seus cabelos de Jesus.
Escapei, me pergunto?
Minha mente sopra até você,
Umbigo de velhos mariscos, cabo Atlântico,
Se mantendo, parece, em estado de milagrosa conservação.

Em todo caso, você está sempre ali,
Respiração trêmula no fim da minha linha,
Curva de água pulando

Em meu caniço, deslumbrante e agradecida,
Tocando e sugando.

Não chamei você.
Não chamei você mesmo.
No entanto, no entanto
Você navegou em minha direção,
Obesa e vermelha, uma placenta

Paralisando amantes impetuosos.
Luz de naja
Espremendo o hálito das rubras campânulas

Yehusa (2)

Of the fuchsia. I could draw no breath,
Lead and moneyless,

Overexposed, like an X ray.
Who do you think you are?
A Communion wafer? Blubbery Mary?
I shall take no bite of your body,
Bottle in which I live,

Ghastly Vatican.
I am sick to death of hot salt.
Green as sumachs, your wishes
Hiss at my sins.
Off, off, eel's tentacle!

There is nothing between us.

Da fúcsia. Sem poder respirar,
Morta e sem dinheiro,

Superexposta, como num raio x.
Quem você pensa que é?
Hóstia de comunhão? Maria Carpideira?
Não vou tirar nenhum pedaço desse seu corpo,
Garrafa onde vivo,

Vaticano terrível.
O sal quente me mata de enjoo.
Imaturos como eunucos, seus desejos
Sibilam para meus pecados.
Fora, fora, coleante tentáculo!

Não há mais nada entre nós.

Pardah

Made—

Stone of the side,
The agonized

Side of a green Adam, I
Smile, cross-legged,
Enigmatical,

Shifting my clarities.
So valuable
How the sun polishes this shoulder!

And should
The moon, my
Indefatigable cousin

Rise, with her vanerous pallors,
Dragging trees—
Little bushy polyps,

Little nets,
My visibilities hide,
I gleam like a mirror.

At this facet the bridegroom arrives,
Lord of the mirror
It is himself he guides

In among these silk
Screens, these rustling appartences.
I breathe, and the mouth

Veil stirs its curtain.
My eye
Veil is

PURDAH

Jade –
Pedra de lado, o lado
Agonizado

De um verde Adão, eu
Sorrio, de pernas cruzadas,
Enigmática,

Trocando minhas claridades.
Tão valiosa.
Como o sol lustra este ombro!

E a lua, minha
Prima incansável,
Devia nascer

Com sua palidez cancerosa,
Dragando árvores –

Pequenos pólipos espessos,

Pequenas redes,
Minhas visibilidades se escondem.
Brilho como um espelho.

Nesta faceta chega o noivo,
Senhor dos espelhos.
Guia a si mesmo

Entre estas telas
De seda, estes pertences sussurrantes.
Respiro, e o véu

Da boca levanta sua cortina.
O véu de meu
Olho é uma

Purdah (2)

A concatenation of rainbows.
I am his.
Even in his

Absence, I
Revolve in my
Sheath of impossibles,

Priceless and quiet
Among these parakeets, macaw?
O chattering

Attendants of the eyelash!
I shall unloose
One feather, like the peacock.

Attendants of the lip!
I shall unloose
One note

Stuttering
The chandelier
Of air that all day plies

Its crystals,
A million ignomies.
Attendants!

Attendants!
And at his next step
I shall unloose

I shall unloose—
From the small jeweled
Doll he guards like a heart---

The lioness,
The shriek in the bath,
The cloak of holes.

Concatenação de arco-íris.
Ele me tem.
Mesmo em

Sua ausência, eu me
Reviro em minha
Bainha de impossibilidades,

Sem preço e quieta
Entre periquitos, araras.
Oh, tagarelas

Servas de cílio!
Vou libertar
Uma pena, como o pavão.

Servas de lábio!
Vou libertar
Uma nota

Quebrando
O candelabro
De ar que todo o dia plissa

Seus cristais,
Um milhão de boçais.
Servas!

Servas!
E em seu próximo passo
Vou libertar

Vou libertar –
Da boneca adornada
Que ele vigia como um coração –

A leoa,
O grito no banho,
A burca de buracos.

The Moon and the Yew Tree

This is the light of the mind, cold and planetary.
The trees of the mind are black. The light is blue.
The grasses unload their griefs on my feet as if I were God,
Frickling my ankles and murmuring of their humility.
Fancy, spiritous mist inhabit this place
Separated from my house by a row of headstones.
I simply cannot see where there is to get to.

The moon is no door. It is a face in its own right,
White as a knuckle and terribly upset.
It drags the sea after it like a dark crime; it is quiet
With the O-gape of complete despair. I live here.
Twice on Sunday, the bells startle the sky---
Right great tongues affirming the Resurrection.
At the end, they soberly bong out their names.

The yew tree points up. It has a Gothic shape.
The eyes lift after it and find the moon.
The moon is my mother. She is not sweet like Mary.
Her blue garments unloose small bats and owls.
How I would like to believe in tenderness!--
The face of the effigy, gentled by candles,
Sending, on me in particular, its mild eyes.

I have fallen a long way. Clouds are flowering
Blue and mystical over the face of the stars.
Inside the church, the saints will be all blue,
Floating on their delicate feet over the cold pews,
Their hands and faces stiff with holiness.
The moon sees nothing of this. She is bald and wild.
And the message of the yew tree is blackness---blackness and silence.

A LUA E O TEIXO

Esta é a luz da mente, fria e planetária.
As árvores da mente são negras. A luz, azul.
Gramados descarregam suas mágoas em meus pés como se eu fosse Deus,
Arranhando meus tornozelos, murmurando sua humildade.
Névoas vaporosas e espirituais habitam este lugar
Separado de minha casa por uma fileira de lápides.
Simplesmente não posso ver onde vão dar.

A lua não tem porta. É uma face em seu pleno direito,
Branca como os nós dos dedos, terrivelmente incomodada.
Arrasta o mar atrás de si como um crime sujo; está quieta,
A boca aberta em total desespero. Moro aqui.
Duas vezes aos domingos os sinos assustam o céu –
Oito grandes línguas afirmam a Ressurreição.
E no final, sobriamente, badalam seus nomes.

O teixo aponta para o alto. Tem forma gótica.
Os olhos se elevam e encontram a lua.
A lua é minha mãe. Não é doce como Maria.
Suas vestes azuis libertam pequenos morcegos e corujas.
Se eu ainda acreditasse na ternura –
O rosto da efígie, suavizado por velas,
Derramando, sobre mim, seus olhos meigos.

Tenho caído pelo caminho. Nuvens florescem
Azuis e místicas sobre a face das estrelas.
Na igreja, os santos serão todos azuis,
Flutuando sobre bancos frios com delicados pés,
Suas mãos e faces duras de santidade.
A lua não vê nada disto. É calva e selvagem.
E a mensagem do teixo é escuridão – escuridão e silêncio.

A Birthday Present

What is this, behind this veil, is it ugly, is it beautiful?
It is shimmering, has it breasts, has it edges?

I am sure it is unique, I am sure it is just what I want.
When I am quiet at my cooking I feel it looking, I feel it thinking

'Is this the one I am to appear for,
Is this the exact one, the one with black eye-pits and a scar?

Measuring the flour, cutting off the surplus,
Adhering to rules, to rules, to rules.

Is this the one for the annunciation?
My god, what a laugh!

But it shimmers, it does not stop, and I think it wants me.
I would not mind if it was bones, or a pearl button.

I do not want much of a present, anyway, this year.
After all, I am alive only by accident.

I would have killed myself gladly that time any possible way.
Now there are these veils, shimmering like curtains,

The diaphanous satins of a January window
White as babies' bedding and glittering with dead breath. O ivory!

It must be a tusk there, a ghost-column.
Can you not see I do not mind what it is?

Can you not give it to me?
Do not be ashamed—I do not mind if it is small.

UM PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

O que é isto, atrás deste véu, é feio, é bonito?
Está cintilando, tem peitos, tem bordas?

Tenho certeza de que é único, exatamente o que quero.
Quando estou quieta, cozinhando, sinto-o olhando, pensando

“É para esta que devo aparecer,
É esta a eleita, com olhos fundos e cicatriz?”

Medindo a farinha, cortando o excedente,
Aderindo a regras, regras, regras.

É ela que fará a anunciação?
Meu Deus, que piada!”

Mas ele cintila, não para, acho que me quer.
Nem ligaria se fossem ossos ou um botão de pérola.

Não espero muito de um presente este ano.
Afinal de contas, estou viva por acidente.

Teria me matado alegremente naquele momento, de qualquer jeito possível.
Agora há véus, tremeluzindo como cortinas,

Os cetins diáfanos de uma janela em janeiro
Branco como lençóis de bebês, brilhando com respiração mortífera. Oh,
marfim!

Deve ser uma presa, uma coluna-fantasma.
Não vê que não me importa o que isso seja.

Não pode dá-lo para mim?
Não se envergonhe – não ligo se for pequeno.

A Birthday Present (2)

Do not be mean, I am ready for enormity.
Let us sit down to it, one on either side, admiring the gleam,

The glass, the mirrory variety of it.
Let us eat our last supper at it, like a hospital plate.

I know why you will not give it to me,
You are terrified

The world will go up in a shriek, and your head with it,
Bowed, brazen, an antique shield,

I marvel to your great-grandchildren.
Do not be afraid, it is not so.

I will only take it and go aside quietly.
You will not even hear me opening it, no paper crackle,

No falling ribbons, no scream at the end.
I do not think you credit me with this discretion.

If you only knew how the veils were killing my days?
To you they are only transparencies, clear air,

But my god, the clouds are like cotton?
Wales of them! They are carbon monoxide.

Sweetly, sweetly I breathe in,
Filling my veins with invisibles, with the million

Probable notes that tick the years off my life.
You are silver-excited for the occasion. O adding machine!

Is it impossible for you to let something go and have it go whole?
Must you stamp each piece in purple,

Não seja mesquinho, estou pronta para a imensidão.
Sentemos, um de cada lado, admirando o brilho,

O vidro, sua variedade espelhada.
Façamos nele nossa última ceia, como prato de hospital.

Sei por que você não o dá para mim,
Você está aterrorizado

O mundo subirá num guincho, e junto sua cabeça,
Em relevo, brônzea, um escudo antigo,

Maravilha para seus bisnetos.
Não tenha medo, não é bem assim.

Apenas vou pegá-lo e me afastar em silêncio.

Você nem vai me ouvir abrindo-o, nem barulhos de papel

Nem fitas pelo chão nem gritinhos no fim.
Você não crê que posso ser discreta.

Se ao menos você soubesse como os véus matavam meus dias.
Para você eles são apenas transparências, ar puro.

Mas, meu Deus, as nuvens são como algodão –
Exércitos delas. São monóxido de carbono.

Suavemente, suavemente as inspiro,
Enchendo minhas veias com invisíveis, milhões

De prováveis partículas que marcam os anos da minha vida.
Você veste prata para a ocasião. Oh, máquina de somar –

É impossível para você deixar algo partir e partir por inteiro?
Você tem que carimbar cada peça de roxo,

A Birthday Present (3)

Must you kill what you can?
There is this one thing I want today, and only you can give it to me.

It stands at my window, big as the sky.
It breathes from my sheets, the cold, dead center

Where split lives congeal and stiffen to history.
Let it not come by the mail, finger by finger.

Let it not come by word of mouth, I should be sixty
By the time the whole of it was delivered, and too numb to use it.

Only let down the veil, the veil, the veil.
If it were death

I would admire the deep gravity of it, its timeless eyes.
I would know you were serious.

There would be a nobility then, there would be a birthday.
And the knife not carve, but enter

Pure and clean as the cry of a baby,
And the universe slide from my side.

Tem que matar tudo que pode?
Hoje só uma coisa desejo, e só você pode dá-la para mim.

Ela fica na minha janela, imensa como o céu.
Ela respira de meus lençóis, o centro frio e morto

Onde vidas desperdiçadas congelam e enrijecem para a história.
Que não venha pelo correio, de mão em mão.

Que não venha de boca em boca, eu teria sessenta anos
Quando ele fosse inteiramente entregue, entorpecida demais para usá-lo.

Apenas retire o véu, o véu, o véu.
Se ele fosse a morte

Eu admiraria sua profunda gravidade, seus olhos eternos.

Eu saberia que você falava sério.

Haveria nobreza então, e um aniversário.
E a faca não cortaria, mas entraria

Pura e limpa como choro de bebê,
E o universo fugiria de mim.

Letter in November

Love, the world
Suddenly turns, turns color. The directlight
Splits through the rat'a-tail
Pods of the laburnum at nine in the morning.
It is the Arctic,

This little black
Circle, with its tawn silk grasses---babies' hair.
There is a green in the air,
Soft, delectable.
It cushions me lovingly.

I am flushed and warm.
I think I may be enormous,
I am so stupidly happy,
My Wellingtons
Squelching and squelching through the beautiful red.

This is my property.
Two times a day
I pace it, sniffing
The barbarous holly with its viridian
Scallops, pure iron,

And the wall of old corpses.
I love them.
I love them like history.
The apples are golden,
Imagine it---

My seventy trees
Holding their gold-ruddy balls
In a thick gray death-soup,

CARTA DE NOVEMBRO

Amor, o mundo
Muda de cor de repente. A luz da rua
Fende as vagens dos laburnos
Feito rabos de rato, às nove da manhã.
É o Ártico,

Este pequeno círculo
Negro, com seus gramados de seda amarela – cabelo de bebês.
Há um verde no ar,
Suave, delectável.
Ele me envolve com carinho.

Estou corada e morna.
Acho que posso ser enorme,
Estou tão estupidamente feliz,
Minhas galochas
Chapinham e chapinham pelo vermelho, lindo.

Esta propriedade é minha.
Duas vezes por dia
Passeio por ela, cheirando

O azevinho selvagem com suas vieiras
Verde-azuis, de ferro puro,

E o muro de antigos cadáveres.
Eu os adoro.
Eu os adoro como história.
As maçãs são de ouro,
Imagine –

Minhas setenta árvores
Guardando suas bolas douradas e vermelhas
Num caldo mortal cinzento e espesso,

Letter in November (2)

Their million
Gold leaves metal and breathless.

O love, O celibate.
Nobody but me
Walks the waist-high wet.
The irreplaceable
Golds bleed and deepen, the mouths of Thermopylae.

Milhões

De folhas de ouro, de metal, sem fôlego.

Oh, amor, oh, celibato.

Só eu

Caminho molhada até a cintura.

Os insubstituíveis

Tesouros sangram e afundam, as bocas das Termópilas.

giveness

No use, no use, now, begging Recognize.
There is nothing to do with such a beautiful blank but smooth it,
Name, house, our legs,

The little toy wife
Braided, sigh, sigh.
Four hunches and a cocker.

Nurses the side of worms and a minute doctor
Tuck him in.
Old happenings

Peel from his skin.
Down the drain with all of it!
Hugging his pillow

Like the red-headed sister he never dared to touch,
He dreams of a new one---
Darren, the lot are barren.

And of another color.
How they'll travel, travel, travel, secondary
Sparking off their brother-sister rears,

A comet tail.
And none the sperm fluid of it all.
One nurse brings in

A green drink, and a blue.
They rise on either side of him like stars.
The two drinks flame and foam.

O sister, mother, wife,
Sweet Lethe is my life.
I am never, never, never coming home!

AMNÉSICO

De nada vale, agora, mendigar Reconheça.
Nada a fazer com este lindo vazio a não ser poli-lo.
Nome, casa, chaves do carro,

A mulherzinha de brinquedo
Apagada, suspiro, suspiro.
Quatro bebês e um cocker.

Enfermeiras do tamanho de vermes e um médico preciso
O envolvem.
Velhos eventos

Descascam de sua pele.
Que tudo vá por água abaixo!
Abraçando seu travesseiro

Como a irmã ruiva que ele nunca ousou tocar,
Ele sonha com uma nova –

Estéril, o lote é estéril.

E de outra cor.
Como vão viajar, viajar, viajar, cenário
Cintilando os traseiros de seus irmãos e irmãs,

Cauda de cometa.
E o dinheiro, fluido esperma de tudo.
Uma enfermeira traz

Uma bebida verde e outra azul.
Sobem em seus ombros como estrelas.
As duas bebidas queimam e espumam.

Oh, irmã, esposa, mãe,
O doce Letes é minha vida.
Não vou voltar para casa nunca, nunca, nunca mais!

The Rival

If the moon smiled, she would resemble you.
You leave the same impression
Of something beautiful, but annihilating.
Both of you are great light harrowers.
Her O-mouth grieves at the world; yours is unaffected,

And your first gift is making stone out of everything.
I wake to a mausoleum; you are here,
Ticking your fingers on the marble table, looking for cigarettes,
Spiteful as a woman, but not so nervous,
And dying to say something unanswerable.

The moon, too, assesses her subjects,
But in the daytime she is ridiculous.
Your dissatisfactions, on the other hand,
Arrive through the mailslot with loving regularity,
White and black, expansive as carbon monoxide.

No day is safe from news of you,
Walking about in Africa maybe, but thinking of me.

RIVAL

Se a lua sorrisse, pareceria com você.
Você também deixa a impressão
De algo lindo, mas aniquilante.
Ambos são bons em roubar luz alheia.
A boca da lua se lamenta ao mundo; a sua é insensível,

E seu maior dom é fazer tudo virar pedra.
Desperto num mausoléu; você está aqui,
Tamborilando na mesa de mármore, procurando cigarros,
Malicioso como uma mulher, não tão nervoso assim,
E louco para dizer algo irrespondível.

A lua, também, humilha seus súditos,
Mas de dia ela é ridícula.
Suas insatisfações, por outro lado,
Chegam pelo correio com regularidade encantadora,
Branças e vazias, expansivas como monóxido de carbono.

Nem um dia se passa sem notícias suas,
Passeando pela África, talvez, mas pensando em mim.

Daddy

You do not do, you do not do
Any more, black shoe
In which I have lived like a foot
For thirty years, poor and white,
Barely daring to breathe or Achoaf

Daddy, I have had to kill you.
You died before I had time--
Marble-heavy, a bag full of God,
Chaotically statue with one gray toe
Big as a Frisco seal

And a head in the freakish Atlantic
Where it pours bean green over blue
In the waters off beautiful Nauset.
I used to pray to recover you.
Ach, du!

In the German tongue, in the Polish town
Scraped flat by the roller
Of wars, wars, wars.
But the name of the town is common.
My Polack friend

Says there are a dozen or two.
So I never could tell where you
Put your foot, your root,
I never could talk to you.
The tongue stuck in my jaw.

It stuck in a barb wire snare.
Ich, ich, ich, ich!
I could hardly speak.
I thought every German was you.
And the language obscene

PAPAI

Agora chega, papai, agora chega
De você, sapato preto
Onde vivi feito um pé
Por trinta anos, pálida e pobre,
Mal podendo respirar ou espirrar.

Papai, bem que eu quis te matar.
Você morreu antes que eu tivesse tempo –
Mármore pesado, saco cheio de Deus,
Estátua pálida de dedo cinza,
Imenso como uma foca em São Francisco

E uma cabeça no Atlântico esquisito
Sobre o azul onde verte sua verde semente
Nas águas próximas à bela Nauset.
Eu costumava rezar para te curar.
Ach, du.

Na língua alemã, na cidade polonesa
Arrasada pelo rolo compressor
Das guerras, guerras, guerras.

Mas o nome da cidade é bem vulgar.
Meu amigo polaco

Diz haver uma ou duas dúzias.
Por isso nunca pude saber onde você
Meteu seu pé, sua raiz,
Nunca pude conversar com você.
A língua presa no maxilar.

Na armadilha de arame farpado.
Ich, ich, ich, ich.
Mal podia me exprimir.
Pensava que todo alemão era você.
E a linguagem obscena

Daddy (2)

An engine, an engine
Chuffing me off like a Jew.
A Jew to Dachau, Auschwitz, Belsen.
I began to talk like a Jew.
I think I may well be a Jew.

The snows of the Tyrol, the clear beer of Vienna
Are not very pure or true.
With my gypsy ancestress and my weird luck
And my Taroc pack and my Taroc pack
I may be a bit of a Jew

I have always been scared of you,
With your Luftwaffe, your gobbledygoo.
And your neat moustache
And your Aryan eye, bright blue.
Panzer-man, panzer-man, o You!

Not God but a swastika
So black no sky could squeak through.
Every woman adores a Fascist,
The boot in the face, the brute
Brute heart of a brute like you.

You stand at the blackboard, daddy,
In the picture I have of you,
A cleft in your chin instead of your foot
But no less a devil for that, no not
Any less the black man who

Bit my pretty red heart in two.
I was ten when they buried you.
At twenty I tried to die
And get back, back, back to you.
I thought even the bones would do!

Um motor, um motor
Me cuspindo como uma judia.
Uma judia com destino a Dachau, Auschwitz, Belsen.
Dou para falar como uma judia.
Vai ver sou mesmo uma judia.

As neves do Tirol, a cerveja clara de Viena
Não são muito puras ou verdadeiras.
Com meu sangue cigano e minha estranha sorte
E meu baralho de Tarô, meu baralho de Tarô
Posso muito bem ser uma judia.

Sempre tive medo de *você*,
Com sua Luftwaffe, seu linguajar posê.
E seu bigode asseado,
Seu olho ariano, azul forte.
Homem-panzer, homem-panzer, ah, *você* –

Em vez de Deus, uma suástica
Tão negra que nem o céu podia atravessar.
Toda mulher adora um fascista,
A bota na cara, o bruto

Bruto coração de um bruto como você.

Você está diante do quadro-negro, papai,
Na foto que ainda tenho de você,
Cova em seu queixo ao invés de seu pé,
Mas não menos demônio, sem porquê,
Não menos o homem negro que

Mordeu meu coração em dois lugares.
Tinha dez anos quando o enterraram.
E aos vinte tentei morrer
E voltar, voltar, voltar para você.
Achei que até os ossos iam querer

Daddy (3)

But they pulled me out of the sack,
And they stuck me together with glue.
And then I knew what to do.

I made a model of you,
A man in black with a Meinkampf look

And a love of the rack and the screw.
And I said I do, I do.
So daddy, I'm finally through.
The black telephone's off at the root,
The voices just can't work through.

If I've killed one man, I've killed two---
The vampire who said he was you
And drank my blood for a year,
Seven years, if you want to know.
Daddy, you can lie back now.

There's a stake in your fat black heart
And the villagers never liked you.
They are dancing and stamping on you.
They always knew it was you.
Daddy, daddy, you bastard, I'm through.

Mas me tiraram da cama,
Com cola foram me refazer.
Então soube o que fazer.
Fiz um modelo de você,
Um homem de preto com um quê de Meinkampf

E uma queda pela roda dos suplícios.
E eu disse chega, chega de você.
Papai, estamos quites enfim.
O telefone preto desligado da raiz,
As vozes não têm como se infiltrar.

Se matei um homem, matei dois, vê? –
O vampiro que disse ser você
E bebeu meu sangue por um ano, sete
Anos, se você quer saber.
Papai, pode deitar agora se quiser.

No seu coração preto e obeso tem uma estaca
E os aldeões nunca gostaram de você.
Eles estão dançando e pisando em você.
Eles sempre *souberam* que era você.

Papai, papai, seu puto, eu acabei.

You're

Glowlike, happiest on your hands,
Feet to the stars, and moon-skulled,
Gilled like a fish. A common-sense
Thumbs-down on the dodo's mode.
Wrapped up in yourself like a spool,
Trawling your dark as owls do.
Mate as a turnip from the Fourth
Of July to All Fools' Day,
O high-riser, my little loaf.

Vague as fog and locked for like mail.
Farther off than Australia.
Bent-backed Atlas, our traveled prawn.
Snug as a bud and at home
Like a sprat in a pickle jug.
A creel of eels, all rippled.
Jumpy as a Mexican bean.
Right, like a well-done sun.
A clean slate, with your own face on.

VOCÊ É

Um palhaço, mais feliz com as mãos no chão,
Pés apontados para as estrelas, cabeça de lua,
Com guelras de peixe. Polegares virados
Com bom senso, como um pássaro dodô.
Enrolado em si mesmo como bobina,
Pescando seu escuro como fazem as corujas.
Mudo como um nabo, desde o Quatro de Julho
Até o Primeiro de Abril,
Quase no ponto, ah, meu pão de ló.

Vago como cerração e procurado como carta.
Mais distante que a Austrália.
Atlas curvado, nosso camarão viajado.
Recolhido como flor em botão e à vontade
Como sardinha em lata.
Cesto de enguias ondulantes.
Saltitante como feijão mexicano.
Correto, como soma bem-feita.
Uma lousa limpa, e nela seu próprio rosto.

Fever 193³

Pure? What does it mean?
The tongues of hell
Are dull, dull as the trips

Tongues of dull, fat Cerberus
Who wheezes at the gate. Incapable
Of licking clean

The agony tendon, the sin, the sin.
The tinder cries.
The indelible smell

Of a snuffed candle! .
Love, love, the low smoked roll
From me like Isadora's scarves, I'm in a fright

One sword will catch and anchor in the wheel.
Such yellow sulled smoke
Make their own element. They will not rise,

But trundle round the globe
Choking the aged and the weak,
The weak

Kothouse baby in its crib,
The ghostly orchid
Hanging its hanging garden in the air,

Devilish leopard!
Radiation turned it white
And walled it in an hour.

Grassing the bodies of adulterers
Like Hiroshima ash and eating in.
The s't. The sin.

40 GRAUS DE FEBRE

Pura? O que significa isso?
As línguas do inferno
São torpes, torpes como as três

Línguas do torpe, obeso Cerberus
Que arfa ao portão. Incapaz
De lamber e limpar

O membro em febre, o pecado, o pecado.
Crepita a chama.
O indelével aroma

De vela apagada!
Amor, amor, a fumaça rola
De mim como a echarpe de Isadora, e temo

Que uma das pontas se ancore na roda.
Uma fumaça tão amarela e sombria

Faz de si seu elemento. Não vai subir,

Mas girar ao redor do globo
Asfixiando o idoso e o humilde,
O indefeso

Bebê na estufa de seu berço,
Orquídea pálida
Suspensa em seu jardim suspenso no ar,

Diabólico leopardo!
A radiação o embranqueceu
E o matou em uma hora.

Engordurando os corpos dos adúlteros
Como as cinzas de Hiroshima que os devoram.
O pecado. O pecado.

Fever 1030 (2)

Darling, all night
I have been flickering, off, on, off, on.
The sheets grow heavy as a lecher's kiss.

Three days. Three nights.
Lemon water, chicken
Water, water make me retch.

I am too pure for you or anyone.
Your body
Hurts me as the world hurts God. I am a lantern---

My head a moon
Of Japanese paper, my gold beaten skin
Infinitely delicate and infinitely expensive.

Does not my heat astound you. And my light.
All by myself I am a huge camellia
Glowing and coming and going, flush on flush.

I think I am going up,
I think I may rise---
The beads of hot metal fly, and I, love, I

Am a pure acetylene
Virgin
Attended by roses,

By kisses, by cherubin,
By whatever these pink things mean.
Not you, nor him

Nor him, nor him
(My selves dissolving, old whore petticoats)---
To Paradise.

Meu bem, passei a noite
Me virando, indo e vindo, indo e vindo.
Os lençóis opressivos como beijos de um devasso.

Três dias. Três noites.
Limonada, canja
Aguada, água me deixa enjoada.

Sou pura demais para você ou qualquer outro.
Seu corpo
Me magoa como o mundo magoa Deus. Sou uma lanterna –

Minha cabeça uma lua
De papel japonês, minha pele folheada a ouro
Infinitamente delicada e infinitamente cara.

Meu calor não te choca. Nem minha luz.
Sou, sozinha, uma camélia imensa
Ardendo e indo e vindo, gozo a gozo.

Acho que estou subindo,
Acho que posso levantar –
Contas de metal ardente voam, e eu, amor, eu

Sou uma virgem pura
De acetileno
Cuidada por rosas,

Por beijos, por querubins,
Por qualquer dessas coisas róseas.
Não você, nem ele

Nem ele, nem ele
(Meus eus se dissolvem, anáguas de puta velha) –
Ao Paraíso.

~~1919~~

✿ The Bee Meeting

Who are these people at the bridge to meet me? They are the villagers---
The rector, the midwife, the sexton, the agent for bees.
In my sleeveless summer dress I have no protection,
And they are all gloved and covered, why did nobody tell me?
They are smiling and taking out veils tacked to ancient hats.

I am nude as a chicken neck, does nobody love me?
Yes, here is the secretary of bees with her white shop smock,
Buttoning the cuffs at my wrists and the slit from my neck to my knees.
Now I am milkweed milk, the bees will not notice.
They will not smell my fear, my fear, my fear.

Which is the rector now, is it that man in black?
Which is the midwife, is that her blue coat?
Everybody is wearing a square black head, they are knights in visors,
Breastplates of cheesecloth knitted under the armpits.
Their smiles and their voices are changing. I am led through a beanfield,

Stripe of tinfoil winking like people,
Feather dusters fanning their heads in a sea of bean flowers,
Creamy bean flowers with black eyes and leaves like bored hearts.
Is it blood clots the tendrils are dragging up that string?
No, no, it is scarlet flowers that will one day be edible.

Now they are giving me a fashionable white straw Italian hat
And a black veil that molds to my face, they are making me one of them.
They are leading me to the ashorn grove, the circle of hives.
Is it the hawthorn that smells so sick?
The barren body of hawthorn, etherizing its children.

Is it some operation that is taking place?
It is the surgeon my neighbors are waiting for,

A REUNIÃO DAS ABELHAS

Quem é essa gente que vem à ponte ao meu encontro? São os aldeões –
O pároco, a parteira, o sacristão, o vendedor de abelhas.
Estou desprotegida em meu vestido sem mangas, de verão,
E eles todos de luvas e cobertos, por que ninguém me avisou?
Estão sorrindo e tirando véus presos a antigos chapéus.

Estou nua como pescoço de galinha, ninguém me ama?
Sim, eis a secretária das abelhas em seu branco avental,
Fechando as algemas em meus pulsos e a fenda, do pescoço até meus
joelhos.
Agora sou asclépias sedosa, as abelhas nem vão perceber.
Não vão sentir o cheiro de meu medo, meu medo, meu medo.

Quem é o pároco agora, é aquele homem de preto?
Quem é a parteira, aquele é seu casaco azul?
Todos acenam com cabeças pretas quadradas, são cavaleiros de viseiras,
Escudos de grosso algodão, amarrados sob as axilas.
Seus sorrisos e vozes estão mudando. Sou levada por uma plantação de
feijões,

Faixas de estanho piscando como pessoas,

Espanadores de penas abanando suas mãos num mar de brotos de feijão,
Brotos cremosos de feijão, de olhos negros e folhas feito corações
entediados.

São coágulos de sangue o que as trepadeiras arrastam fio acima?

Não, não, são flores escarlates que serão um dia comestíveis.

Agora me dão um moderno chapéu italiano, de palha branca
E um véu preto que se molda à minha face, torno-me um deles.

Me levam ao pomar recém-podado, ao círculo de colmeias.

É o espinheiro que cheira tão mal?

Seu corpo estéril, anestesiando seus filhos.

Tem alguma cirurgia acontecendo?

É o médico que meus vizinhos esperam,

Bees (2)

This apparition in a green helmet,
Shining gloves and white suit.
Is it the butcher, the grocer, the postman, someone I know?

I cannot run, I am rooted, and the grass hurts me
With its yellow purses, its spiky armory.
I could not run without having to run forever.
The white hive is snug as a virgin,
Sealing off her brood cells, her honey, and quietly humming.

Smoke rolls and scurves in the grove.
The mind of the hive thinks this is the end of everything.
Here they come, the outriders, on their hysterical elastica.
If I stand very still, they will think I am cow parsley,
A gullible head untouched by their animosity,

Not even nodding, a personage in a hedgerow.
The villagers open the oshabera, they are hunting the queen.
Is she hiding, is she eating honey? She is very clever.
She is old, old, old, she must live another year, and she knows it.
While in their fingerprint cells the new virgins

Break of a duel they will win inevitably,
A curtain of war dividing them from the bride flight,
The uplift of the murderess into a heaven that loves her.
The villagers are saving the virgins, there will be no killing.
The old queen does not show herself, is she so ungraceful?

I am exhausted, I am exhausted---
Pillar of white in a blackout of knives.
I am the magician's girl who does not flinch.
The villagers are untying their disguises, they are shaking hands.
Where is that long white box in the grove, what have they accomplished,
Why am I cold?

Esta aparição de capacete verde,
Luvas reluzentes e terno branco.
É o açougueiro, o verdureiro, o carteiro, alguém que conheço?

Não posso correr, criei raízes, e a urze me fere
Com suas flores amarelas, seus espinhos pontudos.
Só poderia correr se fosse para sempre.
A colmeia branca está protegida como uma virgem,
Trancando suas células, seu mel, zumbindo em silêncio.

A fumaça rola e se enrosca no bosque.
A mente da colmeia acha que isto é o fim de tudo.
Lá vêm elas, fazendo a escolta, vestindo históricos elásticos.
Se ficar bem quieta, pensarão que sou uma unha-de-gato,
A cabeça ingênua a salvo de sua animosidade,

Nem mesmo aceno, personagem em cerca viva.
Os aldeões abrem as celas, caçam a rainha.
Ela está escondida, comendo mel? Ela é muito esperta.
É velha, velha, velha, precisa viver um ano ainda, e sabe disso.
Enquanto nas células de suas articulações as novas virgens

Sonham com um duelo que inevitavelmente vencerão,

Uma cortina de cera as separando do voo da noiva,
O voo da assassina rumo a um céu que a ame.
Os aldeões mudam as virgens de lugar, não haverá matança.
A velha rainha não se mostra, é tão ingrata assim?

Estou exausta, exausta –
Pilar branco num blecaute de facas.
Sou a garota do mágico, a que sempre escapa.
Os aldeões afrouxam suas máscaras, se cumprimentam.
De quem é aquela longa caixa branca na mata, o que teriam feito, por que
estou com frio.

The Arrival of the Bee Box

I ordered plain, thin clean wood box
Square as a chair and almost too heavy to lift.
I would say it was the coffin of a midget
Or a square baby
Were there not such a din in it.

The box is locked, it is dangerous.
I have to live with it overnight
And I can't keep away from it.
There are no windows, so I can't see what is in there.
There is only a little grid, no slit.

I put my eye to the grid.
It is dark, lark,
With the swamy feeling of African hands
Minute and shrunken fur vapors,
Black or black, angril, clambering.

How can I let them out.
It is the noise that appals me most of all,
The unintelligible syllables.
It is like a Roman mob,
Small, taken one by one, but my god, together!

I lay my ear to furious Latin.
I am not a Caesar.
I have simply ordered a box of ravioli.
They can be sent back.
They can die, I need feed them nothing, I am the owner.

I wonder how hungry they are.
I wonder if they would forget me
If I just unaid the locks and stood back and turned into a tree.

A CHEGADA DA CAIXA DE ABELHAS

Encomendei esta caixa limpa de madeira
Quadrada como uma cadeira, pesada demais para carregar.
Diria que é o esquife de um anão
Ou de um bebê quadrado
Não fosse o ruído que dela escapa.

Está trancada, é perigosa.
Tenho que passar a noite com ela
Não consigo me afastar.
Não há janelas, não posso ver lá dentro.
Apenas uma pequena tela e nenhuma saída.

Espio pela fresta.
Tudo escuro, escuro,
Com a enxame sensação de mãos africanas
Minúsculas, encolhidas para exportação,
Negro no negro, escalando com fúria.

Como deixá-las fugir?
O barulho é o que mais me apavora,
As sílabas incompreensíveis.

São como uma turba romana,
Não são nada, separadas, mas juntas, meu Deus!

Ouçõ este latim furioso.
Não sou um César.
Só encomendei uma caixa de maníacas.
Podem ser devolvidas.
Podem morrer, não preciso dar comida, sou a dona.

Me pergunto se têm fome.
Me pergunto se me esqueceriam
Se eu abrisse as trancas e me afastasse e virasse árvore.

Pass (4)

There is the laburnum, its black colonnades,
And the petticoats of the obarry.

They might ignore me immediately
In my moon suit and funeral veil.
I am no source of honey
So why should they turn on me?
Tomorrow I will be sweet God, I will set them free.

The box is only temporary.

Há o laburno, suas louras colunatas,
E as anáguas da cerejeira.

Bem podiam me ignorar
Em meu vestido lunar, meus véus funéreos.
Não sou fonte de mel,
O que querem de mim?
Amanhã serei o doce Deus, vou soltá-las enfim.

A caixa é apenas temporária.

Stings

Bare-handed, I hand the costs.
The man in white smiles, bare-handed,
Our cheesecloth gauntlets neat and sweet,
The throats of our wrists brave lilies.
He and I

Have a thousand clean cells between us,
Eight combs of yellow cups,
And the hive itself a teacup,
White with pink flowers on it.
With excessive love I enameled it

Thinking 'Sweetness, sweetness.'
Brood cells grey as the fossils of shells
Terrify me, they seem so old.
What am I buying, worry mahogany?
Is there any queen at all in it?

If there is, she is old,
Her wings torn shawls, her long body
Rubbed of its plush---
Poor and bare and unqueenly and even shameful.
I stand in a column

Of winged, unmiraculous women,
Eency-drudgers.
I am no drudge
Though for years I have eaten dust
And dried plates with my dense hair.

And soon my strangeness evaporate,
Blas dew from dangerous skin.
Will they hate me,

FERROADAS

Mãos nuas, entrego os favos de mel.
O homem de sorriso branco, mãos nuas,
Nossas luvas grosseiras, limpas e macias,
As gargantas de nossos pulsos, corajosas açucenas.
Ele e eu

Temos entre nós mil células claras,
Oito favos de cálices amarelos,
E a colmeia, uma xícara de chá,
Branca com flores cor-de-rosa.
Com amor excessivo a esmaltei

Pensando “Doçura, doçura”.
Células cinza como fósseis de conchas
Me apavoram, parecem tão velhas.
O que estou comprando, mogno bichado?
Aí dentro há mesmo uma rainha?

Se há, é bem velha,
Suas asas, xales rasgados, seu longo corpo
Pelúcia gasta –

Pobre e nu, sem majestade, indecente até.
Fico numa coluna

De mulheres aladas e nada milagrosas,
Escravas do mel.
Não sou escrava
Embora tenha comido pó durante anos
E secado pratos com meu cabelo grosso.

E visto evaporar minha estranheza,
Serenos azuis de perigosa pele.
Vão me odiar,

Stings (2)

These women who only scurry,
Whose news is the open cherry, the open clover?

It is almost over.
I am in control.
Here is my honey-machine,
It will work without thinking,
Opening, in spring, like an industrious virgin

To scoop the creaming crests
As the moon, for its ivory powders, scoops the sea.
A third person is watching.
He has nothing to do with the bee-seller or with me.
Now he is gone

In eight great bounds, a great scapgoat.
Here is his slipper, here is another,
And here the square of white linen
He wore instead of a hat.
He was sweet,

The sweat of his efforts a rain
Tugging the world to fruit.
The bees found him out,
Holding onto his lips like lies,
Complicating his features.

They thought death was worth it, but I
Have a self to recover, a queen.
Is she dead, is she sleeping?
Where has she been,
With her lion-red body, her wings of glass?

Now she is flying
More terrible than she ever was, red
Scar in the sky, red comet
Over the engine that killed her---
The mausoleum, the wax house.

Estas mulheres que apenas correm,
Cuja novidade é a cereja aberta, o trevo aberto?

O fim está perto.
Estou no controle.
Eis minha máquina de mel,
Vai operar sem pensar,
Se abrindo, na primavera, como uma virgem industriosa

Para lustrar as cristas cremosas
Como a lua, com seus pós de marfim, lustra o mar.
Uma terceira pessoa observa.
Nada a ver com o vendedor de abelhas nem comigo.
Agora se foi

Em oito grandes saltos, grande bode expiatório.
Aqui está seu chinelo, aqui o outro par,
E aqui, o quadrado de linho branco
Que ele usava em vez de chapéu.
Era tão doce,

O suor de seus esforços uma chuva
Arrastando o mundo até a fruta.

As abelhas o descobriram,
Moldando-se em seus lábios como mentiras,
Complicando seus traços.

Pensaram que a morte valia a pena, mas eu
Tenho um ser para recuperar, uma rainha.
Estará morta, dormindo?
Onde andará,
Com seu corpo vermelho e leonino, suas asas de vidro?

Está voando agora
Mais terrível do que nunca fora, vermelha
Cicatriz no céu, cometa vermelho
Sobre o motor que a matou –
O mausoléu, a casa de cera.

Wintering

This is the easy time, there is nothing doing.
I have whirled the midwife's extractor,
I have my honey,
Six jars of it,
Six cat's eyes in the wine cellar,

Wintering in a dark without window
At the heart of the house
Next to the last tenant's rancid jam
And the bottles of empty glitter---
Sir So-and-so's gin.

This is the room I have never been in.
This is the room I could never breathe in.
The black bunched is there like a bat,
No light
But the torch and its faint

Chinese yellow on appalling objects---
Black asininity. Decay.
Possession.
It is they who own me.
Neither cruel nor indifferent,

Only ignorant.
This is the time of hanging on for the bees---the bees
So slow I hardly know them,
Piling like soldiers
To the agroup tin

To make up for the honey I've taken.
Tate and Lyle keeps them going,
The refined snow.

HIBERNANDO

Esta é a hora fácil, nada faço.
Girei a centrífuga da parteira,
Tenho meu mel,
Seis vidros,
Seis olhos felinos na adega de vinhos,

Hibernando no escuro sem janelas
No coração da casa
Perto da geleira rançosa do último inquilino
E as garrafas de brilhos vazios –
Gim do Seu Fulano.

Eis o quarto onde nunca estive.
Eis o quarto onde nunca pude respirar.
O escuro se aglomera ali como um morcego,
Sem outra luz
Além da tocha e seu tênue

Amarelo chinês sobre objetos apavorantes –
Boçalidade negra. Decadência.
Possessão.

São eles que me possuem.
Nem cruéis nem indiferentes,

Ignorantes apenas.
É tempo de espera para as abelhas – as abelhas
Tão lentas que mal as percebo,
Marchando como soldados
Para a lata de melado

Para compensar o mel que lhes tirei.
Tate e Lyle as fazem prosseguir,
A neve refinada.

Winterong (2)

It is Tate and Lyle they live on, instead of flowers.
They take it. The cold sets in.

Now they ball in a mass,
Black
Wind against all that white.
The smile of the snow is white.
It spreads itself out, a mile-long body of Meissen,

Into which, on warm days,
They can only carry their dead.
The bees are all women,
Maids and the long royal lady.
They have got rid of the men,

The blunt, clumsy stumblers, the bores.
Winter is for women---
The woman, still at her knitting,
At the cradle of Spanish walnut,
Her body a bulb in the cold and too dumb to think.

Will the hive survive, will the gladiolas
Succeed in banking their fires
To enter another year?
What will they taste of, the Christmas roses?
The bees are flying. They taste the spring.

Sobrevivem graças a Tate e Lyle, não às flores.
Elas aceitam. O frio chega.

Agora elas dançam em massa,
Mente
Negra contra o branco todo.
O sorriso da neve é branco.
Se espalha em seu corpo, de uma milha de Meissen,

Para onde, em dias quentes,
Podem somente carregar seus mortos.
As abelhas são todas mulheres,
Donzelas e a longa senhora real.
Se livraram dos homens,

Os néscios, rudes, canhestros, boçais.
Inverno é coisa de mulheres –
A mulher, quieta em seu tricô,
No berço de nogueira espanhola,
Seu corpo um bulbo no frio, estúpido demais para pensar.

Sobreviverá a colmeia, os gladiolos serão
Bem-sucedidos em sufocar seu fogo

Para começar um ano novo?
Que sabor terão, as rosas de Natal?
As abelhas voam. Provam a primavera.

RASCUNHOS DO POEMA “ARIEL”

Para dar uma ideia do processo criativo de Sylvia Plath, seguem os rascunhos do poema-título, “Ariel”, os quais foram numerados e datados pela autora. Os quatro primeiros foram escritos no papel timbrado cor--de-rosa do Smith College, assim como vários outros esboços de poemas deste livro. “Ariel” foi aceito para publicação pelo *Observer* e foi efetivamente veiculado por esse jornal em 3 de novembro de 1963, após a morte da poeta, sob o título “O cavalo”. Ao fim desta seção, há uma prova do poema diagramado pelo

Observer. Essa prova foi corrigida por Sylvia Plath em meados de dezembro de 1962.

dried

orange down
dark being
bright by (furnace of God)

(1)

God's furrows also, how are we grow
Crude matter whom I move + bring to fire
Pivot of heels + knees, and of my color.

~~Opens before us the red furnace,~~
~~The dull rump runs, and~~ ^{spit, stamens}
Sits in darkness, from the blue
Land of air + distances.
God's furnace, how are we grow!

Pivot of heels + knees! the furrow
Splits + passes, sister to the brown arc
Of the neck I cannot catch, nigger-eye

blackberries, multiplying, eat ~~dark~~ ^{dark}
~~Forest of~~ ~~strip~~

~~Black~~ hooks, but do not catch —

Black sweat blood around fields! something else

Hands me through ~~my~~ ~~furrows~~ ~~furrows~~ furrows from my heels, ~~to~~
From ~~to~~ white wheat, a glitter of head,
I ~~rise~~ ~~up~~, ~~now~~

~~From~~ the arrow, ~~From~~ the ^{down} ~~rain~~ that flies

~~From~~ the ~~eyes~~
In the caudex of meaning
Are white melt, up flung

To the tower, the plunging
knooves I am, that ~~over~~ + over

And

(2)

Stays in darkness, then the substanceless blue
Pain of m + distances.
God's fibrous, how are we grow!

Arise of heels + knees! The furrows
Splits + passes, / listen to be blown and
Of the neck I cannot catch // midget-eye //

Berries, multiplying, coat dark
Hooks, but do not catch.
Black sweet blood mouth full!

Some thing else
Holds me through air,
Flakes from my heels.

And now I,
Foam to bright wheat, a glitter of sea,

~~the~~
~~with the body the dew that flies~~
The child's eye

Melts in the wall, and I
Am the snow, the dew that flies
Suicidal, at me

With the drive
In to the red ~~heart~~, ~~in to the green~~

Eye, into the cauldron of morning.

And

Stands in darkness;
Man the slabs, ~~under~~ blue
Pain of the distances.

Good likeness!
How are we grow!
Pivot of heels & knees, the furrow

Splits & passes
Sister to the bottom arc
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Bennis cast dark
Thick, ~~but do not see~~ ~~black~~

Black ~~black~~ sweet blood beautiful!
Shadows!
Something else

Haunts me through air -

Might, hair,
Flakes from my heels,

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's my

Melt in the wall.

O. bright beast I

Am the arrow, the dew that flies

Scandal, at me with the dove

Into the red

Eye, the caddis of morning.

(3)

October 27
1962

white bodies, I unpeel -
Dead hands, dead strangeness!

~~Hands, hands, dead hands~~
~~dead hands~~
 Hands, hands, peel off
 Old
 Dead hands, dead stringencies!
~~I am white~~
 I am white
 Godiva

Rising, galloping
 In a season of dying,
 A season of burning.

In a season of burning, I
 Am white Godiva
 On fire, my hair
 My are rest
 In long furrows, rippling

~~White Godiva~~
 Godiva, I unpeel -
 Dead hands, dead stringencies!
 White
 Godiva, I unpeel -
 Dead hands, dead stringencies!

Ariel

October 17
1962

Stasis in darkness,
Then the substanceless blue
Fear of tor and distances.

God's lioness!
How one we grow!
Pivot of heels and knees! the furrow

Splits and passes,
Sister to the brown arm:
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Berries cast dark
Hooks---

Black sweet blood mouthfuls!
Shadows?
Something else

Heals me through air---
Thighs, hair:
Flakes from my heels.

White
Godlike, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies!

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

Melts in the wall.
O bright
Beast, I

As the arrow, the dew that flies
Suicidal, at one with the drive
Into the red

Eye, the cauldron of morning.

October 27
1951

Sylvia Plath

Ariel

Stasis in darkness.
Then the substanceless blue
Fear of tor and distances.

God's license!
How one we grow!
Pivot of heels and knees! the furrow

Splits and passes,
Sister to the breast arc
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Barriers exact dark
Hecks---

Black sweet blood mouthful!
Shadows!
Something else

Hauls me through air---
Thighs, hair!
Flakes from my heels.

White
Padiwa, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies!

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

Melts in the wall.
~~O-bright~~

And Beauty, I

As the arrow! The dew that flies
Suicidal, at one with the drive
Into the red

Eye, the cauldron of morning.

October 27
1962

Sylvia Plath

Ariel

Stasis in darkness.
Then the substanceless blue
Fear of tor and distances.

God's lionness!
How one we grow!
Pivot of heels and knees! the furrow

Splits and passes,
Sister to the brown arc
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Berries cast dark
Hooks---

Black sweet blood mouthful!
Shadows!
Something else

Hauls me through air---
Thighs, hair!
Flakes from my heels.

White
Godiva, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies!

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

Melts in the wall.
And I
Am the arrow,

The dew that flies
Suicidal, at one with the drive
Into the red

Eye, the cauldron of morning.

Ariel

Stasia in darkness.
Then the substanceless blue
Pour of tor and distances.

God's license!
How one we grow!
Pivot of heels and knees! the furrow

Splite and passes,)
(Sister ~~the~~ the brown are
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Berries cast dark
Hooks---

Black sweet blood mouthful!
Shadows!
Something else

Hauls me through air---
Thighs, hair;
Flakes from my heels.

White
Godiva, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies!

And now I
Turn to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

Ariel (2)

Melts in the wall.

O bright

Beast, I

As the arrow, the dew that flies

Suicidal, at one with the drive

Into the red

Eye, the cauldron of morning.

Boswell (1962)
1962

Sylvia Plath

Arial

Stasis in darkness.
Then the substanceless blue
Pour of tor and distance.

God's lionsess!
How one we grow!
Pivot of heels and knees! the furrow

Splite and passes, sister to
The brown arc
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Terriss cast dark
Hooks---

Black sweet blood mouthfuls!
Shadows!
Somethingelse

Hauls me through air---
Thighs, hair;
Flakes from my heels.

White
Godiva, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies!

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

Melts in the wall,
And I
As the arrow,

The dew that flies
Suicidal, at one with the drive
Into the red

Eye, the cauldron of morning.

Sylvia Plath

Ariel

Stasis in darkness.
Then the substanceless blue
Pour of tor and distances.

God's lioness!
How one we grow!
Pivot of heels and knees! the furrow

Split and passes, sister to
The brown arc
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Berries cast dark
Hooks---

Black sweet blood mouthfuls!
Shadows!
Something else

Hauls me through air---
Thighs, hair;
Flakes from my heels.

White
Uddiva, I unpeel---
Dead hands, dead stringencies!

And now I
Foam to wheat, a glitter of seas.
The child's cry

Melts in the wall.
And I
Am the arrow,

The dew that flies
Suicidal, at one with the drive
Into the red

Eye, the cauldron of morning.

Crumbing — Friday — 3 — — — — —

PROOFS TO
SYLVIA PLATH.

ARIEL.

Starts in darkness.
Then the subarrectors blur
Pore of toe and discloses.

2/3
3/3
God's honey
How one we grow
Pivot of heels and knees, the furrow

Spills and passes, later to
The brown are
Of the neck I cannot catch,

Nigger-eye
Berries cast dark
Books —

Black sweep blood mouthfuls
Shadows
Something else

Keels me through air—
Thighs, hair;
Flukes from my head.

White
Cordons, I unpeel—
Dead hands, dead stringencies

And now I
Forn to wheat, d glitter of seas.
The child's cry

Melts in the wall,
And I
Am the arrow,

The dew that flies
Sacred, as one with the drive
Into the red

Eye, the culdran of morning,

SYLVIA PLATH

Whithead — — December 14 — — Three — — —

Proofs to—
SYLVIA PLATH

PUPPIES IN OCTOBER

Even the sun-clouds this morning cannot massage such skin.
Nor the woman in the marketplace
White red heart blooms through her coat so narrowly—

A gift, a love gift
Utterly unasked for
By a sky

Pearly and flimsy
Igniting its carbon monoxide, by eyes
Drooled in a hall under bowlers.

O my child, what see I
That these late months should cry open
In a forest of frost, in a dawn of cornflowers?

SYLVIA PLATH

O ENXAME

O poema do ciclo das abelhas “O enxame” aparece no sumário do manuscrito original de *Ariel*, porém entre parênteses, escritos à mão por Sylvia Plath. Ela não incluiu esse poema no manuscrito. Ted Hughes o inseriu na edição americana de *Ariel* (1966). Esta edição restaurada respeita a decisão editorial de Sylvia Plath e não coloca o poema no corpo principal de *Ariel*. Segue, assim, “O enxame”, com o respectivo fac-símile do manuscrito.

Bees (5)

4. The Swarms

Somebody is shooting at something in our town---
A dull pom, pom in the Sunday street.
Jealousy can open the blood,
It can make black roses. -----
What are they shooting at?

It is you the knives are out for
At Waterloo, Waterloo, Napoleon,
The hump of Elba on your short back,
And the snow, marshalling its brilliant outlery
Mass after mass, saying Shhh!

Shhh! These are chess people you play with,
Still figures of ivory.
The mud squirms with throats,
Stepping stones for French bootsoles.
The gilt and pink domes of Russia melt and float off

In the furnace of greed. Clouds! Clouds!
So the swarm falls and descends
Seventy feet up, in a black pine tree.
It must be shot down. Pom! Pom!
Sorrowful it thinks bullets are thunder. -----

It thinks they are the voice of God
Condensing the beak, the claw, the grin of the dog
Yellow-haunched, a pack dog,
Grinning over its bone of ivory
Like the pack, the pack, like everybody.

The bees have got so far. Seventy feet high
Russia, Poland and Germany?
The wild hills, the same old agents

O ENXAME

Tem alguém atirando em alguma coisa na nossa cidade –
Um pou-pou tedioso na rua de domingo.
O ciúme pode abrir o sangue,
Tornar as rosas negras.
Em quem estão atirando?

É por você que os punhais estão à mostra
Em Waterloo, Waterloo, Napoleão,
O corcunda de Elba em suas costas curtas,
E a neve, ordenando suas espadas brilhantes
Multidão após multidão, dizendo psiu,

Psiu. Esses são seus parceiros de xadrez,
Figuras imóveis de marfim.
A lama se trança com gargantas,
Subindo as pedras com solas de botas francesas.
Os domos dourados e róseos da Rússia derretem e flutuam

Na fornalha da ganância. Nuvens! Nuvens!
Então o enxame se enovela e deserta
A setenta pés de altura, num pinheiro negro.

Tem que ser abatido. Pou! Pou!
Tão tolo, pensa que balas são trovões.

Pensa que são a voz de Deus
Perdoando o focinho, a pata, o sorriso do cão
De coxas amarelas, cão de carga,
Sorrindo para seu osso de marfim
Como a carga, a carga, como todo mundo.

As abelhas foram tão longe. Setenta pés de altura.
Rússia, Polônia e Alemanha.
As colinas suaves, o mesmo antigo magenta

Bees (9)

Fields shrunk to a penny
Spun into a river, the river crossed.

The bees argue, in their black ball,
A flying hedgehog, all prickles.
The man with grey hands stands under the honeycomb
Of their dream, the hived station
Where trains, faithful to their steel arcs,

Leave and arrive, and there is no end to the country.
Pom, pom! They fall
Dimembered, to a tod of ivy.
So much for the chariots, the outriders, the Grand Army
A red tatter, Napoleon!

The last badge of victory,
The swarm is knocked into a cocked straw hat,
Elba, Elba, blue on the sea!
The white busts of marshals, admirals, generals
Worning themselves into niches.

How instructive this is!
The dumb, bandaged bodies
Walking the plank draped with Mother France's upholstery
Into a new mausoleum,
An ivory palace, a crotch pine.

The man with grey hands smiles---
The smile of a man of business, intensely practical.
They are not hands at all
But asbestos receptacles.
Pom, pom! 'They would have killed us.'

Stings big as drawing pins!
It seems bees have a notion of honor,
A black, intractable mind.
Napoleon is pleased, he is pleased with everything,
O Europe! O ton of honey!

Os campos reduzidos a ninharia
Esticadas até o rio, rio atravessado.

As abelhas discutem, em sua bola negra,
Um ouriço voador, todo espinhos.
O homem de mãos cinzentas para sob o favo
De seus sonhos, estação de colmeias
Onde trens, fiéis a seus arcos de aço,

Partem e chegam, e o campo não tem fim.
Pou, pou. Caem
Desmembradas, em um monte de hera.
Tudo pelas carruagens, os batedores, o Grande Exército.
Um farrapo vermelho, Napoleão.

Último emblema da vitória.
O enxame sofreu uma derrota fragorosa.
Elba, Elba, bolha no mar.
Os bustos brancos dos marechais, almirantes, generais
Rastejando nos nichos.

Isso é tão instrutivo!
Corpos tolos e atados

Caminhando pela tábua vestidos com tapeçaria da Mãe França
Para um novo mausoléu,
Um palácio de marfim, uma forquilha de pinheiro.

O homem de mãos cinzentas sorri –
Sorriso de homem de negócios, intensamente prático.
Não são absolutamente mãos
Mas receptáculos de asbestos.
Pou, pou! “Por pouco não *me* mataram.”

Ferrões imensos como percevejos!
Parece que as abelhas possuem a noção de honra,
Uma mente negra, obstinada.
Napoleão está contente, está contente com tudo.
Ah, Europa. Ah, toneladas de mel.

NOTAS

(COM AS RESPECTIVAS DATAS DE COMPOSIÇÃO)

* Refere-se a poemas suprimidos na edição de *Ariel* feita por Ted Hughes.

Canção da manhã: 19 de fevereiro de 1961. Escrito para a filha, Frieda.

Os mensageiros: 4 de novembro de 1962.

* **O caçador de coelhos:** 21 de maio de 1962.

* **Talidomida:** 4-8 de novembro de 1962. “Substância ($C_{13}H_{10}N_2O_4$) frequentemente usada em medicamento sedativo e hipnótico (por seus efeitos teratogênicos, deve ser evitada durante a gravidez, pois não raro causa má-formação ou ausência de membros no feto)”, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Desde o começo dos anos 60 já era bem conhecida a ligação entre essa substância e o nascimento de bebês deformados.

O candidato: 11 de outubro de 1962. Plath: “Neste poema [...] o narrador é um executivo, um tipo de supervendedor exigente. Ele quer ter certeza de que o candidato para seu maravilhoso produto realmente necessita dele e cuidará direito dele”.

* **Mulher estéril:** 21 de fevereiro de 1961. *Nike*: em grego, palavra que significa “triunfo”; a deusa da vitória, na mitologia grega. *Apolo*: o mais reverenciado deus da mitologia grega, o deus da profecia, da música, da medicina e da poesia, associado com o sol, além de sinônimo de um jovem de grande beleza física.

Lady Lazarus: 23-29 de outubro de 1962. Plath: “O narrador é uma mulher que possui o grande e terrível dom de renascer. O único problema é que ela tem de morrer primeiro. Ela é a Fênix, o Espírito Libertário, o que você quiser. É também uma mulher bem-sucedida, boa e honesta”. *Nazi lampshade, Jew linen (abajur nazista, linho judeu)*: além de referências a suas tentativas de suicídio, são cada vez mais presentes em sua poesia imagens do Holocausto e da sina dos judeus, aqui fundida, na pele de uma *stripper*, com a passagem de Lázaro, na Bíblia, ressuscitado por Cristo depois de três dias morto numa cova. *Isadora*: referência à morte da dançarina Isadora Duncan, enforcada com a própria echarpe, que se enroscou na roda de um carro.

Tulipas: 18 de março de 1961. Imagens de hospitais e metáforas retiradas da medicina e da anatomia são comuns na poesia de Plath, inclusive em poemas desta edição, como “Canção da manhã”, “Lady Lazarus”, “Praia de Berck”, “40 graus de febre”, “Corte”, “Talidomida”. Esse poema foi inspirado diretamente em sua internação num hospital para uma operação de apendicite.

* **Um segredo:** 10 de outubro de 1962. *Place de la Concorde*: uma das maiores praças de Paris.

* **O carcereiro:** 17 de outubro de 1962.

Corte: 24 de outubro de 1962. Um incidente na cozinha desencadeia uma série de metamorfoses imaginativas, numa espécie de alucinação metonímica: o polegar é um chapéu, que é uma pelúcia vermelha, que é um escalpo etc. *Redcoats (jaquetas vermelhas)*: apelido dado aos soldados da Inglaterra durante a guerra de independência americana. *Babushka*: vovó, em russo. *Trepanned (trepanado)*: relativo a trepanação, cirurgia que consiste em perfurar o crânio com um instrumento.

Olmo: 12-19 de abril de 1962. “Designação comum às árvores caducifólias do gênero *Ulmus*, da família das ulmáceas, de folhas assimétricas na base, bisserreadas, com nervuras bem marcadas, pequenas flores em racemos, e sâmaras com asa papirácea [...] (nativas do hemisfério norte e geralmente muito cultivadas pela madeira e para arborização urbana [...] muito comuns na Europa e América do Norte [...])”, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Poema dedicado à psiquiatra e amiga Ruth Fainlight. A casa onde Ted e Sylvia moravam, em Devon, era ensombrecida por um olmo gigante.

Danças noturnas: 4-6 de novembro de 1962.

* **A detetive:** 1º de outubro de 1962. Plath era fã de Agatha Christie e do detetive Sherlock Holmes, o que, além da descoberta do adultério de Hughes, pode ter servido de inspiração para o poema.

Ariel: 27 de outubro de 1962. Escrito no dia do aniversário da poeta. Na peça *A tempestade*, de Shakespeare, Ariel é o nome do Espírito do Ar; significa “leão de Deus”, em hebraico; e é também o nome do cavalo que a poeta costumava cavalgar quando morava em Devon. *Godiva:* a nobre Lady Godiva, personagem da história anglo-saxã, teria desfilado nua sobre um cavalo pelas ruas de Coventry, cumprindo a promessa feita ao marido se ele diminuísse, a seu pedido, os impostos da população. A única pessoa que ousou olhá-la teria ficado cega, conforme a lenda.

Morte & Cia.: 12-14 de novembro de 1962. Plath: “Este poema é sobre a natureza dupla ou esquizofrênica da morte, a frieza marmórea da máscara mortuária de Blake, digamos, as mãos enluvadas com medo da viscosidade dos vermes, da água e de outros catabolitos. Imagino esses dois aspectos da morte como dois homens de negócios que vêm nos buscar”. Segundo Ted Hughes, o poema foi inspirado na visita de dois executivos americanos que foram convidá-lo a residir no exterior e com os quais a poeta estava de relações cortadas.

* **Reis magos:** poema transicional, escrito em 1960. Plath: “As abstrações, por definição, são retiradas da vida e formuladas apesar das minúcias da vida e das complexidades vitais. Neste poema, ‘Reis magos’, eu imagino os grandes absolutos dos filósofos reunidos ao redor do berço de uma menina recém-nascida, que nada mais é que a própria vida”.

* **Lesbos:** 18 de outubro de 1962. *Lesbos:* ilha grega lendária por ser o quartel-general da poeta Safo, aqui palco de uma disputa entre duas mulheres, ou dois aspectos de uma mesma mulher. Baseado numa visita de Ted e Sylvia a um casal na Cornualha (possivelmente a amante de Ted, Assia Wevill, e seu marido). *Ball and chain:* bola de ferro e corrente

que eram presas aos pés dos prisioneiros, aqui usadas como termo pejorativo, de origem britânica, para esposa.

* **A outra:** 2 de julho de 1962. Um dos vários poemas com referências explícitas à descoberta do adultério de Ted Hughes.

* **Morte súbita:** 19 de outubro de 1962. Sobre incidente com o tio de Ted Hughes, Walter. *Fatso*: gíria ofensiva para pessoa gorda. *Dead drop*: qualquer local secreto, usado em espionagem, onde se escondem itens (mensagens, instruções, dinheiro) passados de uma pessoa a outra sem que elas precisem se encontrar. Aqui usado como adjetivo para “tio”.

Papoulas em outubro: 27 de outubro de 1962.

* **A coragem de calar:** 2 de outubro de 1962. *Rangoon*: antigo nome de Yangon, cidade localizada em Mianmá, no sudoeste asiático.

Nick e o castiçal: 24 de outubro de 1962. Poema dedicado ao filho Nicholas, nascido em 17 de janeiro de 1962. Plath: “Neste poema [...] uma mãe amamenta seu bebê menino à luz de vela e encontra nele uma beleza que, embora não possa afastar o mal do mundo, redime sua cota dele”.

Praia de Berck: 28-30 de junho de 1962. Este longo poema é a fusão de dois eventos na vida da poeta: a agonia, a morte e o funeral de Percy Key, vizinho do casal, em junho de 62, vítima de câncer, e a praia francesa de Berck, localizada na costa da Normandia e visitada por Plath em 1961, que abrigava um grande hospital para mutilados, vítimas de acidentes e veteranos de guerra, os quais faziam seus exercícios na praia.

Gulliver: 3-6 de novembro de 1962. *Viagens de Gulliver*: título do livro de Jonathan Swift. *Seven leagues (sete-léguas)*: as botas de sete léguas (cujo nome se refere ao fato de que cada passo alcança essa distância) são um elemento comum no folclore europeu, como na história do Pequeno Polegar. *Carlo Crivelli*: pintor italiano renascentista, conhecido pela ornamentação no fundo de seus quadros e pelos cenários urbanos cheios de detalhes alegóricos elaborados.

Chegando lá: 3-6 de novembro de 1962. *Krupp*: metalúrgica alemã que fabricava o canhão de mesmo nome, usado na Primeira Guerra Mundial. *Lethe (Letes)*: em grego, significa “esquecimento”; na mitologia grega, um dos afluentes do rio Hades. Acreditava-se que as almas eram forçadas a beber a água do rio Letes antes de reencarnar, para que não se lembrassem de sua vida passada.

Medusa: 28 de outubro de 1962. Na mitologia grega, a medusa era uma bela mulher que, por ter ofendido a deusa Atena, foi transformada por esta num monstro com cabelos de serpente e face tão horrível que petrificava todos que a olhassem diretamente. Perseu foi capaz de cortar a cabeça da Medusa sem olhar diretamente para ela, vendo-a pelo reflexo em seu escudo. Plath também alude à medusa marinha: água-viva, “forma livre-natante e pelágica de alguns cnidários, caracterizada pelo corpo gelatinoso, que lembra um sino ou um guarda-chuva, com tentáculos na margem, lado convexo voltado para cima e boca localizada no centro da superfície côncava inferior”, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. O poema serve de contraponto a “Papai”, dessa vez o alvo sendo a mãe. Refere-se à visita que Aurelia, mãe de Plath, fez à filha no auge da crise do casal, em 1962. *Aurelia aurita* é um tipo de água-viva.

* **Purdah:** 28 de outubro de 1962. *Purdah*: véu ou cortina usado principalmente na Índia para manter as mulheres separadas dos homens. No sistema de segregação muçulmano, refere-se ao costume de proibir as mulheres de mostrar o rosto e o corpo, seja ficando num aposento

isolado da casa, seja vestindo um véu (ou burca) para não ser vistas por estranhos.

A lua e o teixo: 22 de outubro de 1961. Poema escrito a partir de um exercício proposto por Ted Hughes, tendo como tema a árvore que dava para a janela do quarto da poeta em Devon.

Um presente de aniversário: 30 de setembro de 1962.

Carta em novembro: 11 de novembro de 1962. *Termópilas:* significa “portas quentes”, era um estreito localizado na Grécia, entre o golfo de Mália e os montes Eta e Calídromo, onde ocorreu uma das batalhas mais famosas da Antiguidade, entre espartanos e persas.

* **Annésico:** 21 de outubro de 1962.

Rival: julho de 1961.

Papai: 12 de outubro de 1962. Na nota à leitura para a rádio BBC, Sylvia Plath escreveu: “Este é um poema falado por uma garota com complexo de Electra. Seu pai morreu enquanto ela pensava que ele fosse Deus. O caso dela é complicado pelo fato de o pai ter sido também um nazista, e a mãe possivelmente fosse, em parte, judia. Na filha, as duas tensões se casam e se paralisam mutuamente – ela tem de encenar a terrível e pequena alegoria mais uma vez, antes que esteja livre disso”. Poema-exorcismo do pai, Otto Plath, de origem polonesa, especialista mundial em abelhas, que morreu de diabetes, em decorrência de complicações após a amputação de uma perna, quando Plath tinha 8 anos. Também exorcismo do marido, Ted Hughes, o outro “vampiro” em sua vida. *Frisco:* apelido da cidade costeira de São Francisco. *Nauset:* praia em Cape Cod, Massachusetts, cujo nome se deve à tribo que habitava a área. *Ach:* interjeição para pena ou dor, ai!; *Du:* tu, você; *Ich:* eu – em alemão.

Dachau, Auschwitz, Belsen: campos de concentração nazistas. *Viena*: Hitler havia tentado o famoso golpe da cervejaria em Viena. *Baralho de Tarô*: referência à perseguição dos ciganos. *Luftwaffe*: “arma de aviação” em alemão, termo que designa a força aérea alemã fundada por Hitler em 1935. *Gobbledygoo*: nonsense ou linguagem empolada, pretensiosa, ou cujo sentido é ininteligível. *Panzer*: em alemão, “armadura, couraça, blindagem”, referência aos famosos e eficazes tanques alemães usados na Segunda Guerra Mundial. *Mein Kampf*: *Minha luta*, título da autobiografia de Adolf Hitler.

Você é: janeiro/fevereiro de 1960. Poema sobre a gravidez da poeta, tecendo símiles curiosos para o bebê que ela aguardava. *Dodô*: pássaro encontrado nas Ilhas Maurício e que foi extinto no século XVII, por ser presa fácil.

40 graus de febre: 20 de outubro de 1962. Em suas notas para a transmissão da BBC, a poeta escreveu: “É um poema sobre dois tipos de fogo: um que meramente agoniza e se extingue, isto é, o fogo do inferno, e outro que purifica, ou seja, o fogo do céu. Ao longo do poema, o primeiro fogo sofre e se transforma no segundo”. Referências diretas à explosão da bomba de Hiroshima e suas consequências. *Cerberus* (*Cérbero*): na mitologia grega, cão monstruoso de três cabeças que guardava as portas do inferno.

A reunião de abelhas: 3 de outubro de 1962. Sylvia Plath mantinha uma colmeia e frequentava as reuniões da Associação de Apicultores, em Devon. O poema se baseia, segundo Ted Hughes, na experiência do primeiro desses encontros. *Milkweed* (*asclépias*): “Designação comum às plantas do gênero *Asclepias*, da família das asclepiadáceas, com cem espécies, nativas das Américas, especialmente dos EUA, geralmente cultivadas como ornamentais, algumas para extração de borracha, fibras, como medicinais, alimento etc.”, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

A chegada da caixa de abelhas: 4 de outubro de 1962. O mais famoso dos poemas do ciclo das abelhas (os outros são “Ferroadas”, “O enxame”, “Hibernando” e “A reunião de abelhas”), baseados em sua experiência com a criação desse inseto (curiosamente, o pai de Sylvia Plath havia sido uma autoridade mundial em apicultura).

Ferroadas: 6 de outubro de 1962.

Hibernando: 8-9 de outubro de 1962. *Tate and Lyle:* nome de uma famosa empresa britânica, que começou como refinaria de açúcar. A marca registrada do Melado Dourado de Lyle (The Lyle’s Golden Syrup) exibia um leão e um enxame de abelhas. *Meissen:* porcelana de altíssima qualidade produzida na cidade alemã de mesmo nome.

O enxame: 7 de outubro de 1962. *Pom, pom (Pou-pou):* onomatopeia para tiros de canhão; termo militar para designar o canhão usado na bateria antiaérea. No enxame, é comum que as abelhas se juntem em forma de bola no alto de uma árvore, enquanto decidem para onde ir. Qualquer barulho súbito, como o de um tiro, pode fazê-las descer, de modo que fica mais fácil para o apicultor alcançá-las e recolhê-las numa caixa. A seguir, o apicultor chacoalha a caixa e despeja as abelhas sobre uma rampa que vai dar numa colmeia vazia, para onde elas marcham obedientemente.

SOBRE OS TRADUTORES

Rodrigo Garcia Lopes é poeta, compositor, romancista, jornalista e tradutor (Walt Whitman, Sylvia Plath, Rimbaud, Laura Riding, *The Seafarer*, entre outros). É mestre em humanidades interdisciplinares pela Arizona State University, com tese sobre William Burroughs, e doutor em letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, com tese sobre Laura Riding. Em 1997 lançou *Vozes & visões: panorama da arte e cultura norte-americanas hoje* (Iluminuras), com entrevistas com nomes como Burroughs, John Cage, Laurie Anderson, Chick Corea, Meredith Monk e Allen

Ginsberg. Em 2018 lançou *Epigramas*, de Marco Valério Marcial (Ateliê), e *Roteiro literário Paulo Leminski* (Biblioteca Pública do Paraná). *Experiências extraordinárias* (Kan, 2015) e *O trovador* (Record, 2014) foram finalistas do Prêmio Oceanos de Literatura. *O trovador* foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Tem dois CDs de música: *Polivox* (2001) e *Canções do estúdio realidade* (2013). Site: www.rgarcialopes.wix.com/site.

Cristina Macedo é poeta, escritora, tradutora. Traduziu, entre outras obras, o catálogo *Poesia ilustrada* (Grupo Aedo – Arte e Expressão da Oralidade, Ministério da Cultura, 2014). Publicou contos nas antologias *Ponto de partilha* (Kalligráphos, 2008), *Arca de impurezas* (Território das Artes, 2008) e *Arca profana* (Território das Artes, 2010); e poemas na antologia anual *Presença literária* (Academia Literária Feminina, 2012 e 2013). Em 2012 tomou posse na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS), na qual ocupa a cadeira de número 23. Publicou seu primeiro livro solo de poesia, *Do arrebatamento*, em 2015 pela editora Gazeta. E-mail: titinamacedo@gmail.com; blog: cris-cristinamacedo.blogspot.com.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.



Amor sob encomenda

Rissi, Carina
9788576867999
522 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo romance da autora do best-seller *Perdida*. Melissa Gouvêa está totalmente focada na profissão. Responsável pela situação financeira da família, incluindo o caro tratamento médico da mãe, a determinada assistente sonha em se tornar a produtora de eventos da Allure. Como se casar não faz parte de seus planos no momento, ela se assusta ao saber que o namorado foi visto comprando um anel de noivado. Mas Mel não devia ter se preocupado tanto, já que o anel não era para ela e, pior ainda, a Allure foi contratada para o cerimonial do canalha. Mesmo assim, Melissa aceita o maior desafio de todos: produzir o casamento do ex. A bagunça em sua vida aumenta quando ela se vê dividindo o apartamento com o cara mais irritante, cínico, atrevido — e muito lindo, infelizmente — que conhece. Melissa devia se concentrar em manter o que resta de seu coração a salvo e sobreviver ao casamento do ex. O problema é que o novo colega de apartamento confunde sua razão e seus batimentos cardíacos, despertando desejos avassaladores até então desconhecidos. Tarde demais, Mel se dá conta de que seu coração nunca correu tanto perigo... Amor sob encomenda vem cheio de humor, amor e emoção e apresenta uma história que nos fará refletir a respeito do que realmente é importante na vida.

[Compre agora e leia](#)



VERUS
EDITORA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A
garota DO
CALENDÁRIO

Audrey Carlan

JANEIRO

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey
9788576865247
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)



Audrey Carlan

VERUS
EDITORA

O.
primeiro DIA
DOS **NAMORADOS**

um conto da série
A *garota* do
CALENDÁRIO

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey
9788576866428
26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)



A autora de *Um verão na Itália*

Carrie Elks

Um de amor de inverno

As Irmãs Shakespeare
LIVRO 2

VERUS EDITORA

Um amor de inverno - As irmãs Shakespeare - vol. 2

Elks, Carrie
9788576867647
280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pode estar nevando lá fora, mas, em uma cabana de madeira no meio da floresta, as coisas estão definitivamente quentes... A estudante de cinema Kitty Shakespeare está determinada a aproveitar ao máximo seu novo emprego como babá. Pode não ser exatamente a carreira que ela esperava quando mudou de Londres para Los Angeles, mas, graças ao hábito de travar em entrevistas, esta pode ser sua última chance de impressionar um dos maiores produtores de Hollywood — se ela conseguir cuidar do filho dele direito, certamente o homem vai olhar para ela com mais atenção. Pelo lado positivo, há muita neve na casa da família nas montanhas e ela sempre adorou crianças. Mas Kitty não contava se envolver com a família problemática do chefe, nem se sentir atraída por Adam, o irmão sexy e recluso. Adam Klein pode ser lindo, mas também é bruto e grosseiro e não está pronto para cair de quatro pela babá — não depois do ano que ele teve. Tudo o que ele quer é se enfiar em sua cabana na floresta e se esconder do irmão que destruiu sua vida. Se ao menos ele conseguisse ignorar a maneira como Kitty faz seu coração disparar... Isso está longe de ser amor à primeira vista — mas desde quando o caminho para um final feliz digno de cinema acontece sem tropeços? Um amor de inverno é mais um romance de aquecer o coração da série As Irmãs Shakespeare. Quatro irmãs, quatro histórias... quatro maneiras de encontrar o amor verdadeiro.

[Compre agora e leia](#)



Ao seu lado

West, Kasie
9788576867722
280 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que fazer quando você se apaixona pela pessoa que menos esperaria? Depois de se ver trancada acidentalmente na biblioteca pelo fim de semana inteiro, Autumn Collins não acha que as coisas podem piorar. Mas ela percebe que não está sozinha. Dax Miller está trancado com ela. Autumn não sabe muito sobre Dax, só que ele é problema. Entre os rumores sobre uma briga em que ele se meteu (e o breve período no reformatório que veio a seguir) e sua fama de antissocial, ele não é exatamente a melhor companhia para um fim de semana. Ainda assim, Autumn tenta manter a calma e lembrar que é apenas uma questão de tempo até Jeff, seu quase namorado, perceber que a deixou na biblioteca e vir resgatá-la. Mas Jeff não aparece. Ninguém aparece. Diante disso, fica claro que Autumn terá que passar o fim de semana se alimentando de barrinhas de cereal e tentando conversar com um garoto que claramente não quer nada com ela. Até ela perceber que há muito mais em Dax do que ele deixa transparecer. Conforme Autumn e Dax vão se abrindo um para o outro, ela fica impressionada com a conexão entre eles. Mas será que os sentimentos vão sobreviver quando o fim de semana acabar e a vida de Autumn voltar ao normal?

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Apresentação – O caso Ariel \(Rodrigo Garcia Lopes\)](#)

[Prefácio \(Frieda Hughes\)](#)

[Canção da manhã](#)

[Os mensageiros](#)

[O caçador de coelhos](#)

[Talidomida](#)

[O candidato](#)

[Mulher estéril](#)

[Lady Lazarus](#)

[Tulipas](#)

[Um segredo](#)

[O carcereiro](#)

[Corte](#)

[Olmo](#)

[Danças noturnas](#)

[A detetive](#)

[Ariel](#)

[Morte & Cia.](#)

[Reis magos](#)

[Lesbos](#)

[A outra](#)

[Morte súbita](#)

[Papoulas de outubro](#)

[A coragem de calar](#)

[Nick e o castiçal](#)

[Praia de Berck](#)

[Gulliver](#)

[Chegando lá](#)

[Medusa](#)

[Purdah](#)

[A lua e o teixo](#)

[Um presente de aniversário](#)

[Carta de novembro](#)

[Amnésico](#)

[Rival](#)

[Papai](#)

[Você é](#)

[40 graus de febre](#)

[A reunião das abelhas](#)

[A chegada da caixa de abelhas](#)

[Ferroadas](#)

[Hibernando](#)

[Rascunhos do poema “Ariel”](#)

[O exame](#)

[Notas](#)

[Sobre os tradutores](#)

[Colofão](#)